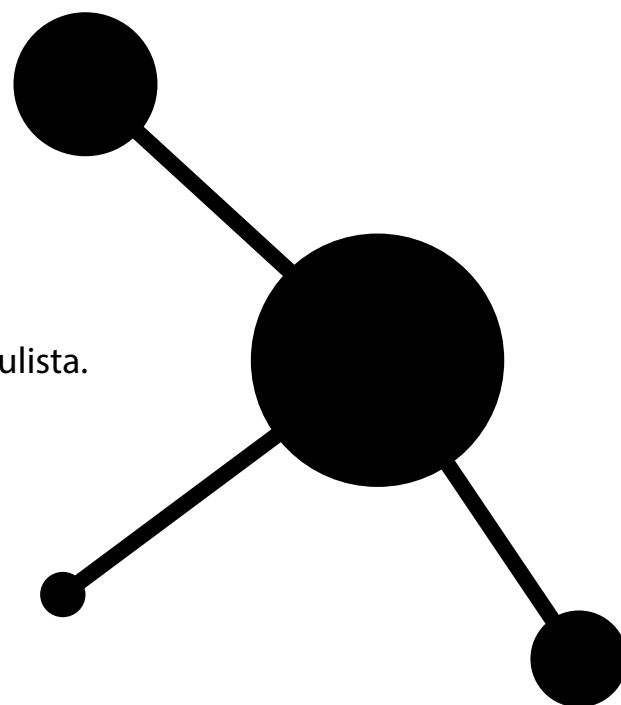


Arquitetura Diagramática: ativação da antiga SIDELPA em Lençóis Paulista.



Arquitetura Diagramática: ativação da antiga SIDELPA em Lençóis Paulista.

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente da UNESP, para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aluna: Melina Lopes da Silva
Orientador: Hélio Hirao

Dedido este trabalho à minha família.

Dedico ao meu pai e minha mãe, por todo suporte para que esta etapa pudesse se concluir. E por todas as outras que vocês apoiaram para que eu chegasse até agora.

Muito do que está aqui também é vocês.

Aos meus irmãos: Camila, por ser exemplo de persistência e coragem em uma mulher; e Vitor Hugo, por instigar em mim a curiosidade e leitura nas grandes e pequenas coisas.

À todos os membros da minha família parental, que são riquezas em minha vida e não consigo entender por que fui tão abençoada e agraciada em vocês terem sido escolhidos para serem a minha família. Todos.

Dedido também à minha cidade, Lençóis Paulista, terra fértil de ideias. Minha infância foi muito rica e os espaços da cidade me proporcionaram experiências únicas, por isso, devolvo toda essa gratidão em formato de trabalho de graduação.

Dedico ao meu orientador, Hélio Hirao, pela coragem e honra em ter escolhido ensinar as pessoas.

E por fim, dedido às pessoas que ocupam espaços inusitados nas cidades. Que ocupam os Terrain Vague. Realizando este trabalho, percebi que a resistência em ocupar estes espaços está na vontade de viver, independentemente de ser visto ou aceito. Que eu possa me lembrar sempre disto.

Agradeço a exatamente tudo que me aconteceu. Sem excessão.

Todos os acontecimentos, o tempo vivido, me trouxeram até aqui neste momento com este resultado. Sinto em paz por olhar minha evolução para escrever este agradecimento. Quanta coisa mudou nesta jornada, especialmente na graduação.

Portanto, agradeço todas as pessoas que cruzaram o caminho da minha vida. Agradeço as que dividi o banco do ônibus das inúmeras vezes que voltei de Andorinha para Prudente ou para Bauru. Bem como as pessoas das caronas, onde a conversa pode ser um pouco mais íntima ou despreziosa. E nessa viagem física, agradeço por ter crescido tanto na minha viagem interior. Nesta viagem, outras pessoas cruzaram meu mundo e com todas eu fui me desconstruindo e me descobrindo melhor, seja pelas

decepções ou pelas pegadas de amor. Em especial, e para focar no período da faculdade, agradeço: à minha prima Amanda, por ser a primeira pessoa com quem eu morei sendo universitária; ao Danilo, que apesar de tudo, foi meu porto seguro e um grande amigo por boa parte desta jornada; à Fer Algazal por ser uma pessoa incrível, encarando a vida sempre com humor e alto astral, que presente conhecer você!; aos meus colegas de sala; à Cristina por ter sido minha orientadora de pesquisa e ter dedicado atenção e zelo quando precisei; à todos os professores e pessoas que trabalham pela Unesp (incluindo os próprios estudantes); à Camila e Ana por dividir a jornada de vocês dentro de casa; ao Diogo, por ter me dado confiança e ter me tirado a venda dos olhos para a profissão de arquitetura, além de me apoiar em todos os momentos para realizar o intercâmbio; às pessoas (PSF - meninas) deste intercâmbio que foi um grande desafio, se não, o maior deles; à Isabela, que sempre está comigo, independente da situação, uma grande amiga; à Carmen e Tanlin pelas conversas filosóficas e amizade; à Ari e Bru por terem me proporcionado um ano de muitas risadas no meio da pressão do trabalho final e terem feito eu me sentir em casa; ao meu orientador, Hélio, que com sua paciência oriental e abertura, me possibilitou fazer o trabalho com o coração;

ao Alisson, pela amizade e ter me ajudado com este trabalho, ao Thi, que me ofereceu palavras sempre doces, principalmente este ano; ao Caio, por ouvir minhas ideias aqui expostas; à Turma XI por ter me acolhido e poder ter conhecido pessoas tão animadas; e por fim, à você, que está lendo este trabalho e se permitiu receber um pouco de mim, um pouco do meu amor.

SUMÁRIO

RESUMO

PRÓLOGO

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

DIAGRAMAS PARA COMUNICAR

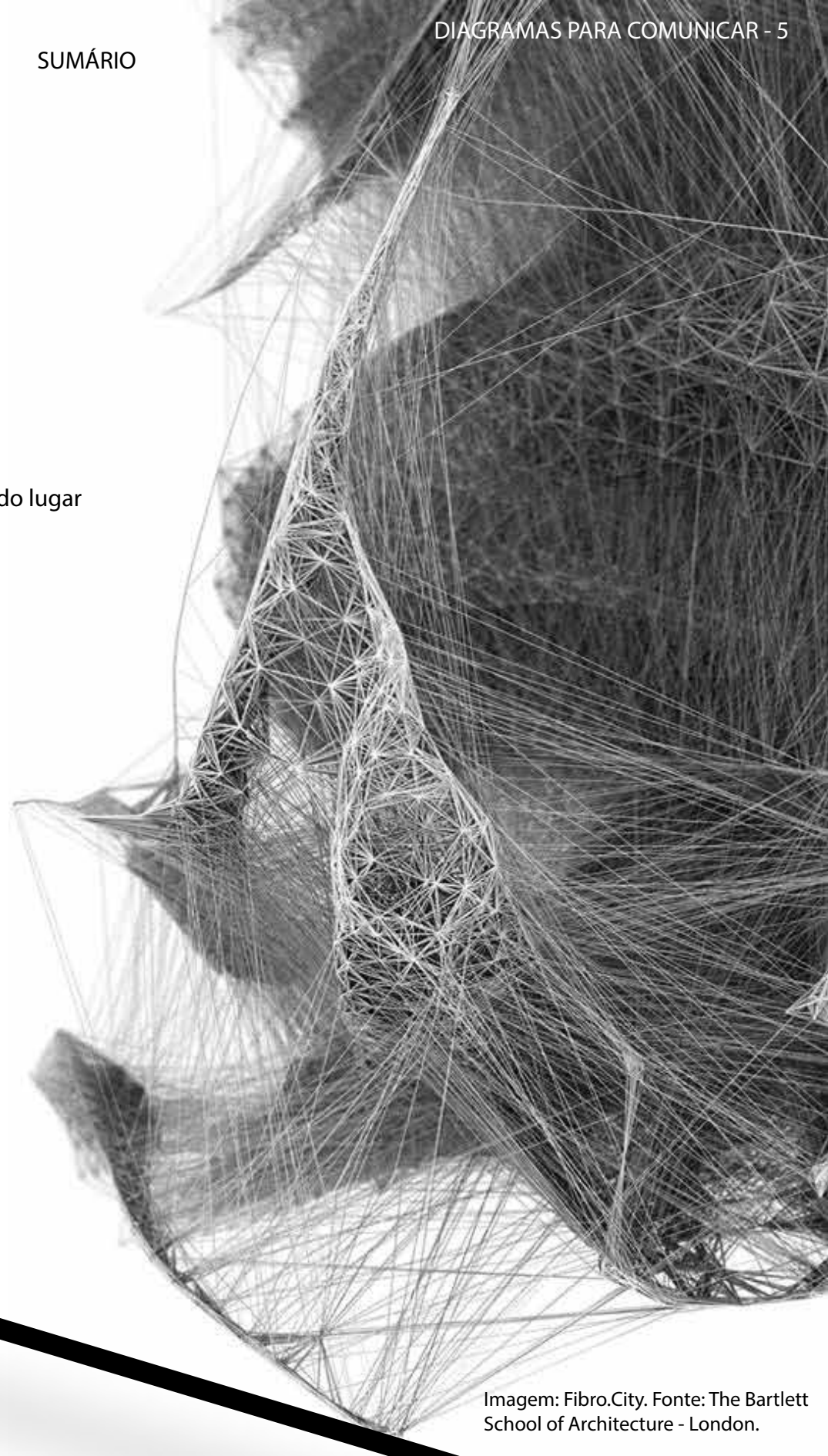
Análises da realidade e expressões do lugar

DIAGRAMAS PARA PROPOR

Instrumento de exercício projetual

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS



O presente trabalho trata-se uma proposta projetual para um Terrain Vague. Este é a área da antiga SIDELPA, localizada na cidade de Lençóis Paulista. Para realizar tal proposta, a metodologia adotada é o uso de diagramas, tanto na parte de análise, reconhecimento e interpretação do lugar, quanto para expressar a ideia sugerida como projeto. A justificativa para a escolha deste procedimento metodológico está na crença de que os processos criativos devem acompanhar as mudanças com que as relações entre as pessoas e tecnologia vêm se configurando como um rizoma. Portanto, esta ideia é uma alternativa ao pensamento linear arbóreo.

É como se visse alguma coisa que não se deixa atrair para o centro da consciência. Agora, neste vácuo da percepção, pode surgir uma memória no observador que parece ter origem na profundidade do tempo. Ver o objeto significa agora também adivinhar o mundo na sua totalidade, uma vez que não há nada que não se possa perceber.

ZUMTHOR, Peter

PRÓLOGO

O trabalho final de graduação é um momento ímpar na vida de um graduando: uma viagem interior e exterior. No processo de sua elaboração, o estudante viaja dentro si, descobrindo novas paixões e aprofundando as antigas, ao mesmo tempo que faz uma retrospectiva de todo o aprendizado durante o curso. Tanto dos conceitos acadêmicos, quanto dos aprendizados que a vida trouxe junto à eles. E por outro lado, uma viagem exterior, uma busca pelo tema e espaço. O personagem explorador entra em cena, a atenção de quem está realizando uma tarefa ou visitando um lugar pela primeira vez: a atenção e à deriva.

Estar atenta e à deriva, viver intensa e profundamente o momento presente, o que se aprende quando termina um dia inteiro de viagem, é o que chegou à mim como resposta deste trabalho: a arquitetura – matéria construída - como espaço de experimentação e vivência, a deriva como abertura a novas possibilidades de escapar da rigidez da ordem da vida imposta, e ao mesmo tempo, como pausa para a conexão com a atmosfera e energia do espaço da cidade. E toda essa vivência, reflexão e ação é um vai e vem, sem linearidade, uma teia cruzante com nós interdependentes. E aqui, chamaremos e representaremos tal ideia de diagramas, continuando uma consciência que está nascendo entre os arquitetos, e de certa forma, na complexidade das relações desta década.

DIAGRAMAS PARA COMUNICAR

Expressões do lugar e análises da realidade

Derivas: psicológicas, fotográficas e conversas

Derivas sensoriais: atmosferas e territorialidades

Expressões do lugar - A cidade de Lençóis Paulista

Yi-Fu Tuan afirma em seu livro “Espaço e lugar, a perspectiva da experiência”, 1930, de ter-se a impressão que “frente” e “trás” são noções espaciais a partir de direção de trânsito. Exemplifica tal ideia com o exemplo da “marcha para o oeste” nos Estados Unidos como a direção frente e trás, sendo a costa nordeste a porta de entrada. Da mesma forma, o fato de Lençóis Paulista ser denominada de “Boca do Sertão” faz essa alusão de ser porta de entrada e a “frente” do interior paulista na época do desbravamento dos bandeirantes (Figura 1).

Localizada estrategicamente no centro do Estado de São Paulo (Figura 2) e atualmente contendo 70 mil habitantes (último senso 2010, segundo o IBGE)¹, a cidade serviu de ponto de apoio para os viajantes aos quais ficaram com a responsabilidade de mapear a região e garantir a dominação portuguesa perante a espanhola. Os grupos eram chamados de monções ou comitivas e partiam de Porto Feliz. O primeiro registro se deu através do rio de Lençóis Paulista, e consta em abril de 1769. Entretanto, a carta de concessão da sesmaria da região aparece quase 50 anos depois deste registro, mais precisamente em 12 de março de 1818, recebida por Antônio Antunes Cardia, lavrada em São Paulo.²

O rio é um elemento fundamental, se não o principal, para entender o surgimento da cidade e seu nome. O rio Tietê (antigamente denominado de Anhembi) era uma referência de localização para os primeiros bandeirantes e famílias ao adentrar a mata virgem. Apesar do rio não ter características navegáveis, pois há muitas cachoeiras e corredeiras, havia um porto em Lençóis que fazia conexão com Piracicaba através da companhia Ytuana, que levava produtos de intercâmbio ao local. Também, algumas canoas que tinham como destino Mato Grosso e partiam de Porto Feliz, passavam por Lençóis.

A Bacia Hidrográfica à qual Lençóis Paulista pertence é a bacia Tietê/Jacaré. Esta também é composta por outros 6 municípios, são eles: Agudos, Areiópolis, Borebi, Macatuba, São Manuel e Igarçu do Tietê.³

Figura 1



Figura 2



Figura 3



1. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -<http://www.ibge.gov.br/home/>

2. FERNANDES, Edson; GUIRADO, Cristiano. Lençóis Paulista conta a sua história, 150 anos. 2008, p. 20

3. AGUIAR, Sidney. Rio Lençóis de Ponta a Ponta. 2008 p.1

Figura 4

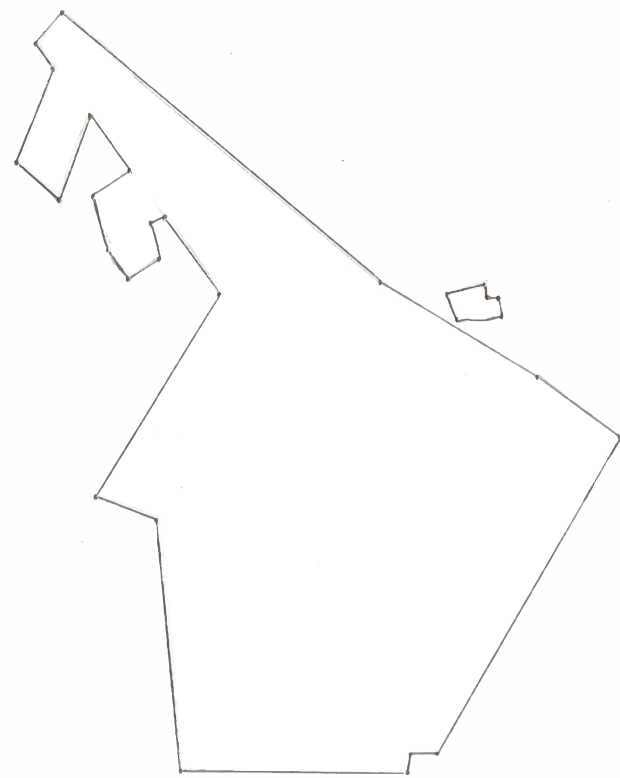


Figura 5

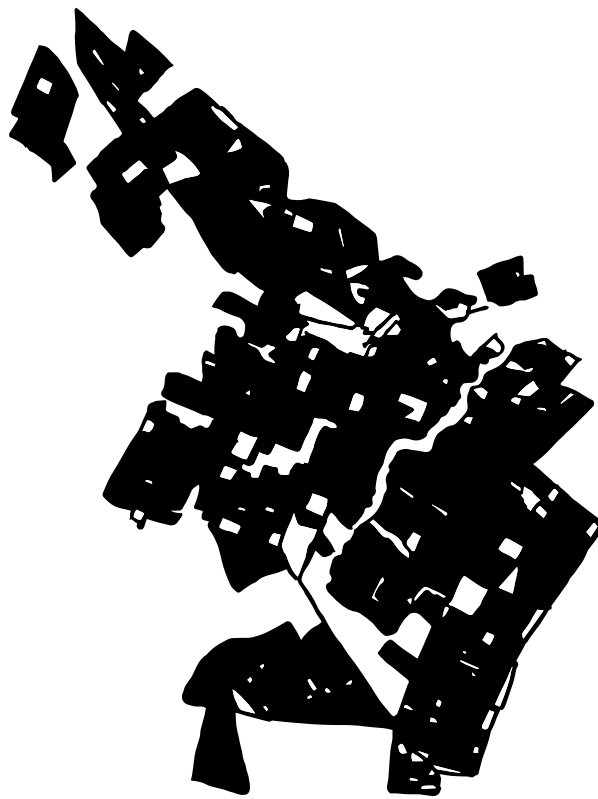


Figura 6

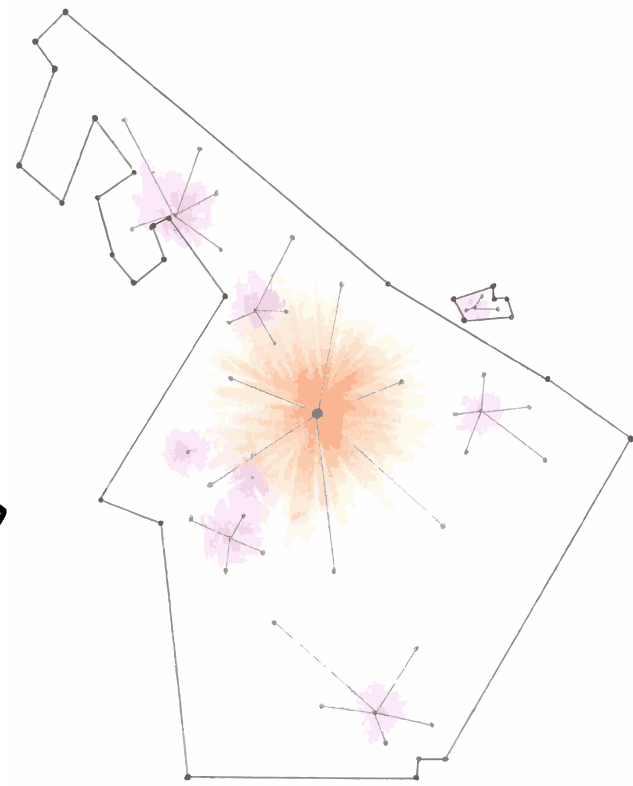


Figura 7



Figura 8

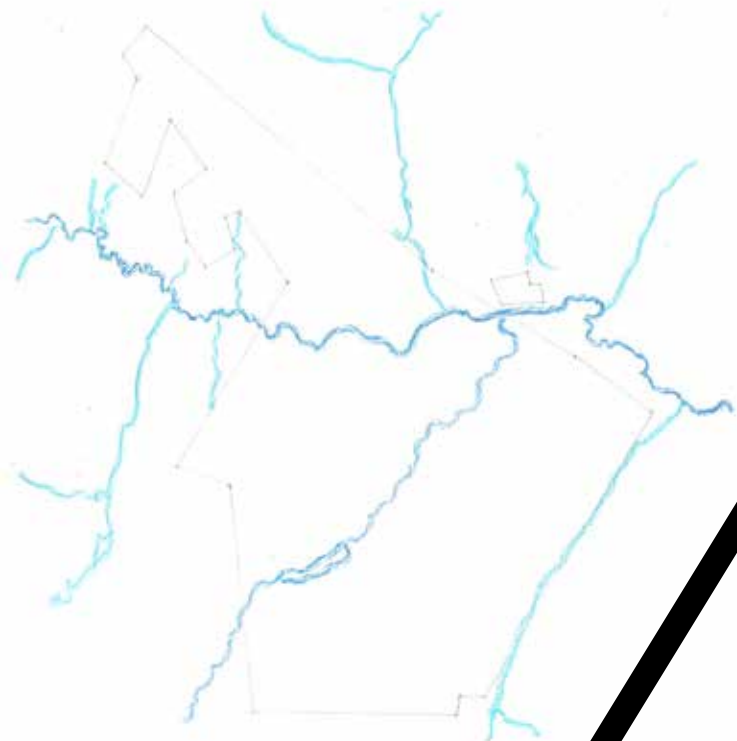
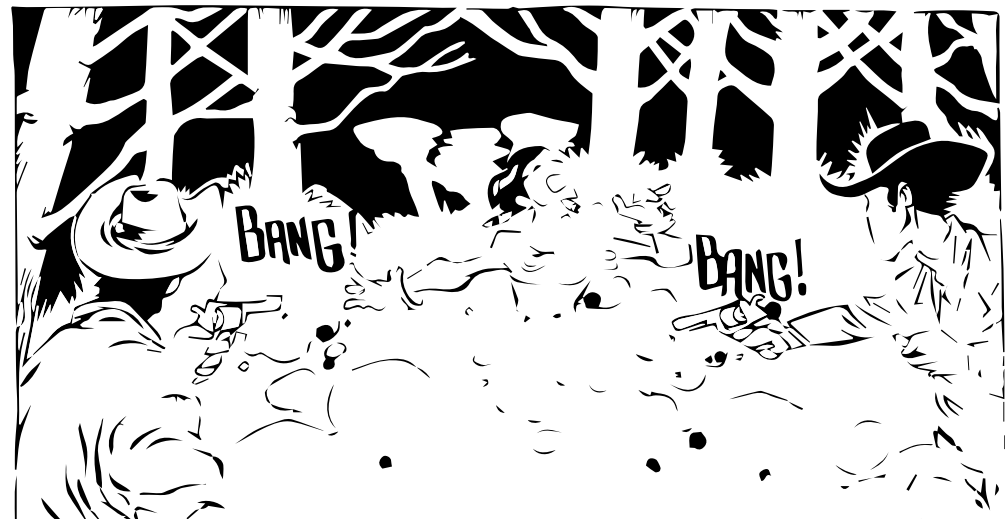
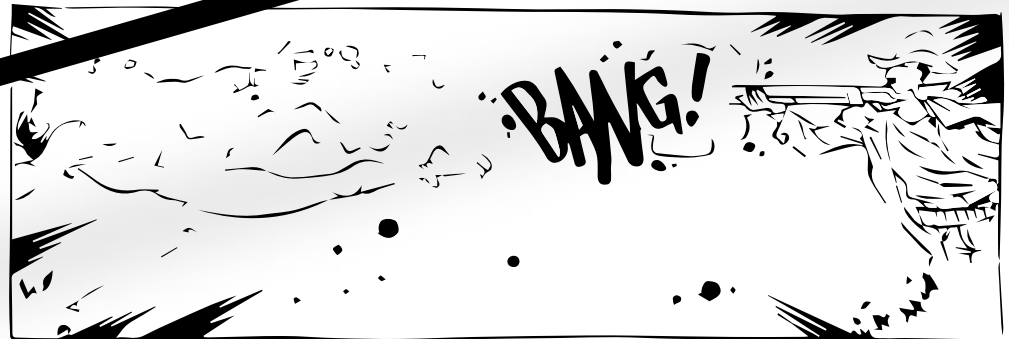


Figura 9

O “mundo desconhecido” era a região do estado de São Paulo ainda não colonizada, e “Boca de Sertão”, denominação para a região, fazia a entrada para outras partes mais longínquas do litoral. Adentrando na “Boca do Sertão”, os bandeirantes perceberam que essas terras já eram habitadas pelos índios. Aborígenes bravios, índios ferozes e selvícolas eram algumas das denominações aos povos indígenas e locais que se encontravam ao longo do Tietê. Tais povos eram: os cayapós, xavantes, e guaranis.⁴ A única face registrada e contada, ou seja, a dos bandeirantes e sesmeiros, tratavam a questão da presença dos índios como ameaças severas e inimigas. (Figura 5)

Situados nas fraldas da Serra de Agudos e às margens do rio Batalha, em 1867, os selvícolas eram ainda grandes pesadelos dos habitantes de Lençóes, Avaré, Botucatu e outros lugares menores. CHITTO, 1980

A descrição de selvageria sobre os índios tinha também o intuito de impressionar as autoridades provinciais para receber defesa, pois expedições quase inteiras eram exterminadas. Como exemplo, a de 1725, onde em uma expedição de aproximadamente 600 pessoas, apenas um homem branco e um negro escaparam da morte apresentada pelos paiaçuás. Em 1886, os vereadores de Lençóes aprovaram um documento requerendo recursos para a catequização dos índios, segundo relato do vereador da época, Faustino Ribeiro da Silva.⁵



4. CHITTO, Alexandre. Lençóes paulista, boca do sertão. 1980, p. 21

5. FERNANDES, Edson; GUIRADO, Cristiano. Lençóis Paulista conta a sua história, 150 anos. 2008, p. 24

Figura 10



Por quê **Lençóis**?

Há várias suposições da origem do nome da nossa cidade, umas com maior e outras com menor força de expressão. A mais aceita e popularmente conhecida é a da espuma do Rio Lençóis (Figura 10): o conto de que em algumas partes do rio, as espumas brancas e o reflexo do sol, que nele se formavam, faziam alusão a grandes leitos e lençóis. Aprofundando-se nessa última hipótese, em uma das caravanas no sentido Itu-Goiás, Francisco Alves Pereira ao se desentender com o líder da caravana, decidiu abandonar a viagem e seguir pelo Tietê até encontrar a região de Lençóis até então já povoada, mas com registros de nome de Olaria. Foi então que o aventureiro chamou pela primeira vez o local de "Bairro dos Lençóis".⁶

6. CHITTO, Alexandre. Lençóis paulista, boca do sertão. 1980, p. 27

O “Bairro dos Lençóis” perdurou até 1858, entretanto, com a construção da igreja e a presença de um sacerdote local, o bairro passa para a categoria de Freguesia. Anos depois, em 1865, por conta da câmunipal inaugurada e de um centro urbano mais consolidado, Lençóis torna-se Vila. Até aqui, as atividades econômicas eram o cultivo de algodão e criação de porcos. O café chega na Vila em 1870, e com ele, a mão de obra-livre e imigrantes. Tal fato, possibilitou a diversidade das atividades na região, sendo o comércio muito presente. Em 1898 chega a estrada de ferro (Figura 11), então houve nesse período um impulsionamento para escoar a produção e atrair mais pessoas.⁷

A partir do século XX, o pós-República no país e a crise de 1929 no mundo respingaram em Lençóis em suas mudanças políticas e à maneira como a cidade reagia às crises econômicas. As antigas fazendas, latifúndios, vão dando lugar à embriões de engenhos e outros cultivos com a consolidação da imigração no local. Pode-se dizer que os estrangeiros foram responsáveis pela melhor equidade do tamanho das propriedades entre os anos de 1920 e 1940, diminuindo o tamanho e fazendo uma melhor distribuição destas entre brasileiros e imigrantes. O jornalista Brenno Ferraz, do jornal Estado de São Paulo veio para a cidade em 1923 e concluiu que o parcelamento da terra em pequenas propriedades e a adaptação dos imigrantes foram fatores que alavancaram a diversidade na produção agrícola :

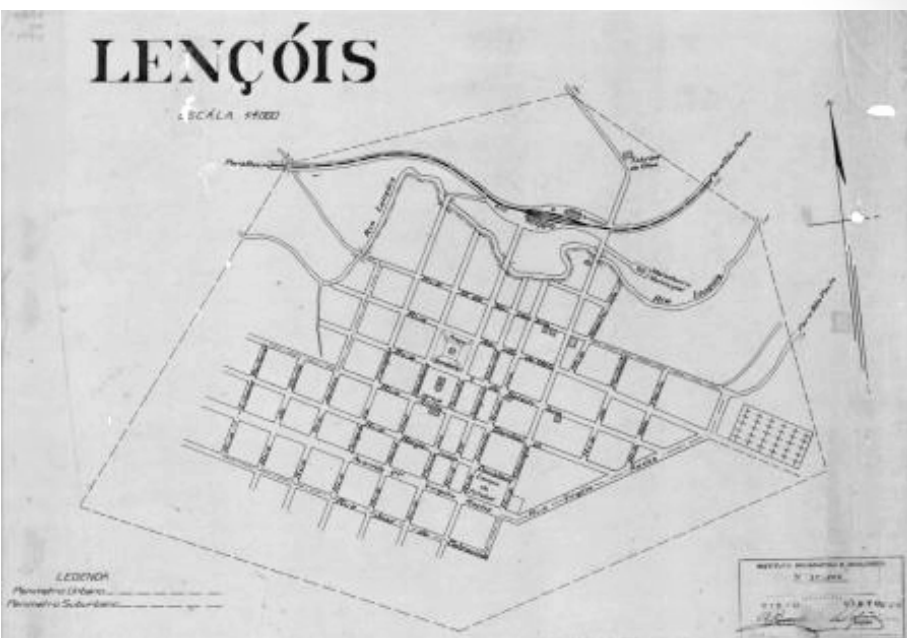
Figura 11



[...] Foi, talvez, a primeira experiência consciente da pequena lavoura como agente de progresso. Provou bem. O município é hoje um celeiro provido [...] FERRAZ,1923

A fala do jornalista explicita como Lençóis superou a segunda crise passada pela cidade: a forte geada em 1918, perdendo várias safras de café, e a crise mundial de 1929, desvalorizando o produto, contudo, as consequências desse abalo econômico não foram drásticas, pois os agricultores lençoenses não possuíam dívidas com os bancos e comércio , além do investimento no plantio de cana-de-açúcar ter aparecido poucos anos antes. Excelente investida, pois com carência de açúcar na Europa depois do fim da Primeira Guerra Mundial, a exportação do produto alavancou a produção na cidade, e a partir daí, aconteceu a transição do ouro preto para o ouro verde. Para se ter uma ideia, em 1923, a cidade possuía 73 engenhos de aguardente e 1 de açúcar, e a maior parte da aguardente que se bebia no Estado de São Paulo era produzida em Lençóis Paulista (FERRAZ, 1923).

Figura 12 - Mapa da cidade em 1960. Fonte:

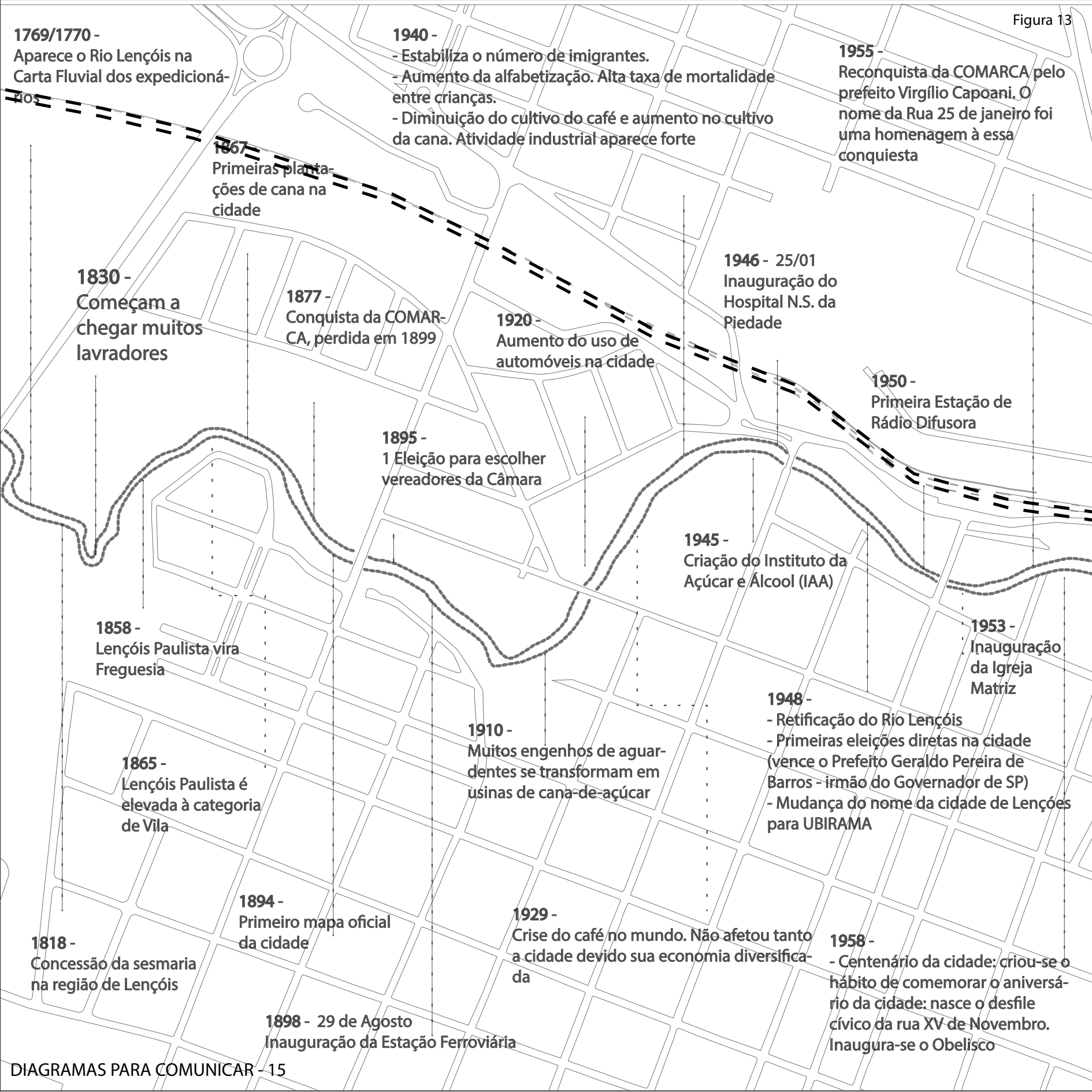


Já tendo 80% do seu município composto por canavieiros na década de 1940, o foco na produção do produto muda: de açúcar passa à produção de álcool, visto que em 1942, perto do fim da Segunda Guerra Mundial, o Brasil requeria combustível e foi então que começou a mistura de gasolina e álcool retificado. Inúmeras foram as destilarias construídas nesse período para suprir a cota estabelecida pelo Instituto de Açúcar e do Alcool.⁸ No campo político, a cidade teve, nesta década, seu primeiro prefeito eleito pelo povo através do voto direto: o prefeito Geraldo Pereira de Barros, em 1948. Seu mandato ficou marcado com realizações de obras de infraestrutura para a cidade. A partir da década de 1950, algumas fábricas e indústrias começam a aparecer. Elas não ofuscaram o cultivo da cana-de-açúcar, mas reforçaram a diversidade econômica que a cidade sempre teve, desde o seu surgimento. Assim, a fábrica de macarrão Orsi, fundada em 1949, em 1954 moderniza-se e o trabalho deixa de ser manual. A malha urbana englobou a fábrica e hoje, ela se localiza próximo a prefeitura. Bem como, a antiga Zabet e atual Adria, fábrica de biscoitos, localizada também dentro da malha urbana em uma região central.

A partir da década de 1960, várias obras importantes na memória coletiva foram construídas, dentre elas: o Lençóis Hotel, onde hoje abriga a Casa da Cultura Professora Maria Bove Coneglian; a Concha Acústica; a Biblioteca Municipal e a biquinha. Entre 1969 e 1973 outras obras de infraestrutura foram inauguradas, no mandato de Tonico: a rodoviária, o aeroporto municipal, o Centro de saúde, a agência de correios, e a ampliação da pista de atletismo.

Esse período se encerra simbolicamente através da mudança na política, saindo do mandato tradicionais famílias Zillo e Lorenzetti, que por 12 anos (desde a década de 1960), governaram a cidade. Acrescentando-se a isso, Lençóis Paulista recebe indústrias maiores, ratificando sua industrialização.

A década de 1970 foi marcada por mudanças políticas e tecnológicas para a cidade. Quebrado a sequência das duas grandes famílias no governo, ganha o prefeito Rubens Pietraróia, em 1973. Ele foi responsável pela criação do distrito industrial na cidade no Jardim Ubirama, e pela implantação de transporte urbano coletivo. Pode-se perceber o crescimento econômico através da criação da Acilpa – Associação Comercial e Industrial de Lençóis Paulista. A cidade vai ganhando corpo e se consolida cada vez mais. Na segunda metade da década de 1970, outras obras foram inauguradas: O Fórum, a nova sede da prefeitura (construída apenas com recursos municipais) e o recinto de exposições da Facilpa. Essa era a época governada pelo prefeito Ézio Paccola, e a feira está localizada adjacente à área onde será feita a proposta projetual deste trabalho: A ANTIGA SIDELPA.



1769/1770 -
Aparece o Rio Lençóis na Carta Fluvial dos expedicionários

1940 -
- Estabiliza o número de imigrantes.
- Aumento da alfabetização. Alta taxa de mortalidade entre crianças.
- Diminuição do cultivo do café e aumento no cultivo da cana. Atividade industrial aparece forte

1955 -
Reconquista da COMARCA pelo prefeito Virgílio Capoani. O nome da Rua 25 de janeiro foi uma homenagem à essa conquista

1867 -
Primeiras plantações de cana na cidade

1830 -
Começam a chegar muitos lavradores

1877 -
Conquista da COMARCA, perdida em 1899

1920 -
Aumento do uso de automóveis na cidade

1946 - 25/01
Inauguração do Hospital N.S. da Piedade

1950 -
Primeira Estação de Rádio Difusora

1895 -
1 Eleição para escolher vereadores da Câmara

1945 -
Criação do Instituto da Açúcar e Alcool (IAA)

1858 -
Lençóis Paulista vira Freguesia

1953 -
Inauguração da Igreja Matriz

1865 -
Lençóis Paulista é elevada à categoria de Vila

1910 -
Muitos engenhos de aguardentes se transformam em usinas de cana-de-açúcar

1948 -
- Retificação do Rio Lençóis
- Primeiras eleições diretas na cidade (vence o Prefeito Geraldo Pereira de Barros - irmão do Governador de SP)
- Mudança do nome da cidade de Lençóis para UBIRAMA

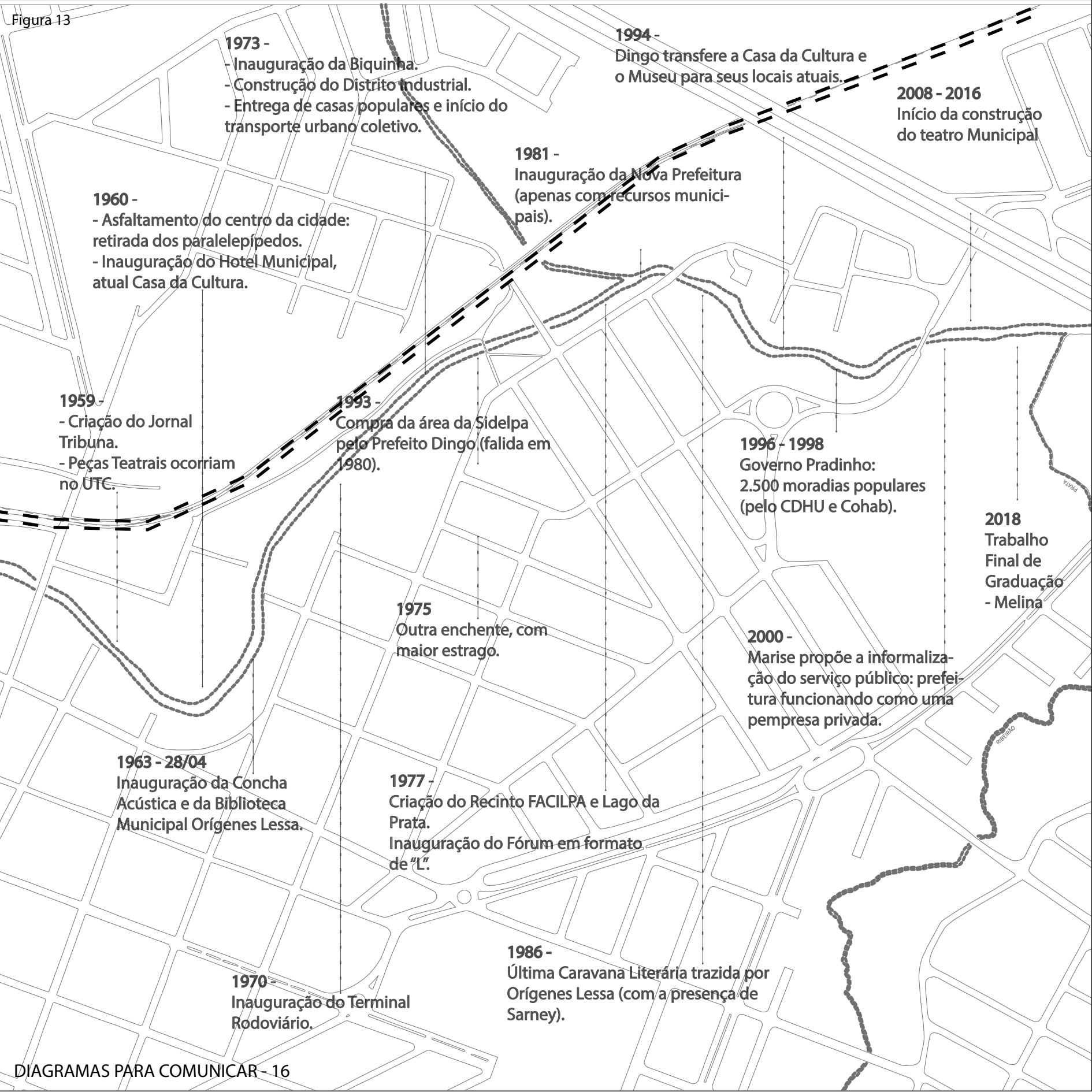
1818 -
Concessão da sesmaria na região de Lençóis

1894 -
Primeiro mapa oficial da cidade

1929 -
Crise do café no mundo. Não afetou tanto a cidade devido sua economia diversificada

1958 -
- Centenário da cidade: criou-se o hábito de comemorar o aniversário da cidade: nasce o desfile cívico da rua XV de Novembro. Inaugura-se o Obelisco

1898 - 29 de Agosto
Inauguração da Estação Ferroviária



1973 -
- Inauguração da Biquinha.
- Construção do Distrito Industrial.
- Entrega de casas populares e início do transporte urbano coletivo.

1994 -
Dingo transfere a Casa da Cultura e o Museu para seus locais atuais.

2008 - 2016
Início da construção do teatro Municipal

1960 -
- Asfaltamento do centro da cidade: retirada dos paralelepípedos.
- Inauguração do Hotel Municipal, atual Casa da Cultura.

1981 -
Inauguração da Nova Prefeitura (apenas com recursos municipais).

1959 -
- Criação do Jornal Tribuna.
- Peças Teatrais ocorriam no UTC.

1993 -
Compra da área da Sidelpa pelo Prefeito Dingo (falida em 1980).

1996 - 1998
Governo Pradinho: 2.500 moradias populares (pelo CDHU e Cohab).

2018
Trabalho Final de Graduação - Melina

1975
Outra enchente, com maior estrago.

2000 -
Marise propõe a informalização do serviço público: prefeitura funcionando como uma pempresa privada.

1963 - 28/04
Inauguração da Concha Acústica e da Biblioteca Municipal Orígenes Lessa.

1977 -
Criação do Recinto FACILPA e Lago da Prata.
Inauguração do Fórum em formato de "L".

1970 -
Inauguração do Terminal Rodoviário.

1986 -
Última Caravana Literária trazida por Orígenes Lessa (com a presença de Sarney).

Um dos donos da siderúrgica Sidelpa (Figura 14), o paranaense Saulo Bartolomei, chega na cidade de Lençóis Paulista (Figura 15) na década de 1950, com intuito de ser o responsável pela construção da estação de Tratamento de Água e Esgoto, visto que era engenheiro da empresa responsável: a Saneamento S/A de São Paulo. O tempo foi passando, e o engenheiro decidiu fixar-se na cidade, vindo a ser um grande empreendedor. Um fator muito importante que contribuiu para a construção da siderúrgica foi a política nacional do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960), incentivando fortemente a industrialização do país e tal fato se rebateu nas cidades paulista, incluindo a “princesa dos canaviais”. A Siderúrgica Irerê, como era chamada no início, foi construída na década de 1970, mesma década em que o engenheiro foi convidado para a construção do Lago da Prata (Figuras 20 e 21), atual Parque do Povo, localizado ao lado da Facilpa e próximo a siderúrgica. Um acontecimento marcante para a Sidelpa, foi em 1974, quando uma catástrofe natural – chuva e ventos fortes – destelhada a siderúrgica. Esta foi desativa (Figura 16) no final da década de 1980. Em 2008, o Prefeito da época, Marise, aprovou o início da construção do Teatro Municipal. A ideia inicial de Marise era a de transformar a área da Sidelpa, comprada pela então prefeito Dingo, em um parque com áreas de lazer, esportes, centro cultural e teatro. Por isso, a estrutura do teatro aproveitou-se de uma das estruturas da antiga siderúrgica. O teatro foi projetado pelo arquiteto Jurandyr Bueno Filho, com capacidade para 592 pessoas, e um custo total de 2,5 milhões de reais e verbas oriundos da Lei Rounet.

Figura 14



Figura 15



O CONTEXTO DA
ANTIGA SIDELPA

Figura 16



Figura 18



Figura 17



Figura 17a



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22





Os homens não apenas discriminam padrões geométricos na natureza e criam espaços abstratos na mente, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos. O resultado é o espaço escultural e arquitetural e, em grande escala, a cidade planejada. TUAN, 1930.

A SIDELPA COMO UM TERRAIN VAGUE

O contexto atual é considerado como a Terceira Revolução Industrial, segundo o britânico Chris Anderson em seu livro "Makers: a Nova Revolução Industrial" de 2012, a última década impulsionou a produção individual através da tecnologia. Tudo é possível. Se você se conecta à internet, o mundo se conecta à você. E esse novo cotidiano também é caracterizado como um presente de volatilidade, inovação, complexidade e ambiguidade, em que o indivíduo se depara à inúmeras opções de escolhas e possibilidades. Qual é a materialização disso no espaço? A arquitetura acompanha a velocidade dessas mudanças, desfazendo-se dos lugares de experiências qualitativas para espaços fragmentados da cidade contemporânea? Há conexão das pessoas com os espaços reais?

Esse movimento frenético faz com que a experiência de lugar seja cada vez mais escassa. A produção do espaço, seja apenas o espaço. Para Yi-Fu Tuan, o espaço é o movimento, e o lugar, a pausa. As pessoas precisam vivenciar o espaço para que ele se torne lugar. É interessante observar que, na tentativa de encontrar esses lugares de pausa na cidade, os fotógrafos passaram a capturar ambientes abandonados, vazios, tais como: terrenos sem uso, trilhos de trem desativados, viadutos, resquícios de construções históricas. Esses espaços, aparentemente "improdutivos" e "vazios" na inserção do contexto das cidades são negados. Mas, exatamente por não estarem no ritmo do restante da cidade, mantém no silêncio, a pausa de lugares com alto potencial para experiências (Figura 23). Os chamados "Terrain Vague", de Solà-Morales. A negação do olhar dominante perante os Terrain Vague pode ser interpretada como uma negação do próprio ser humano perante seu estado "vazio", de flamar, de contemplar, do ócio. De permitir-se ser improdutivo parte do dia, da vida. Nesse sentido, o movimento frenético está também no lado de dentro. A pausa se faz necessária no lado de fora, no ambiente habitado, como no lado de dentro, no habitar do ser. Um vai e vem de interpretação e reinterpretação de nós mesmos e de como vivemos. Afinal, a cidade é a expressão concreta de quem nela vive.

Tendo a consciência da importância do lugar como pausa, a percepção da arquitetura abraça agora a ideia de permitir com que as pessoas possam viver experiências no espaço. E tal ideia já está materializada ao redor, porém de maneira impositiva. Na tentativa de criar lugares com significados, há uma extensa produção de uma arquitetura carregada de símbolos e representações em si mesma. E então temos a arquitetura cenográfica, montada. A percepção deve caminhar, diferentemente da tentativa de sanar a problemática, tendo a arquitetura como solução, mas sim, a arquitetura como espaço com pontos em aberto, recebendo as pessoas que darão sentido e significado ao espaço, transformando-o em lugar. Portanto, na cidade heterotópica, o ambiente clama por uma arquitetura conectada, compartilhada, sensível e verdadeira. Em verdade, é uma conexão à nós, sensível à nós, verdadeira à nós.

Projetar almejando a garantia do uso e sentimentos depositados das pessoas no espaço para dar sentido à ele, é um desejo inalcançável, pois é impossível determinar o que é particular e individual de cada sujeito. Mas é justamente na atuação do particular individual, ou seja, do subjetivo, que a chance de possibilitar pontos em abertos seja próxima de se presenciar. Portanto, as necessidades subjetivas de uma população devem ser inclusas no processo projetual. As necessidades objetivas existem e devem também ser contempladas, mas não são suficientes para dar características qualitativas ao ambiente. Estar imerso no movimento acelerado é a consequência do desenvolvimento das relações contemporâneas, e esse não é um problema a ser sanado. É preciso apenas intervalos de pausas para que haja uma música compassada. Assumir que a pausa, a fronteira, o vazio e silêncio fazem parte. Da cidade e da vida. Permitindo-se viver essa experiência do ambiente e de você, e esses lugares serão reativados. Arquitetura é um dos meios de materializar um instrumento que sensibilize as pessoas a viverem essas experiências. Segundo Denari (2008): “[...] a experimentação constitui a essência da arquitetura [...]”.

Matéria Mutável

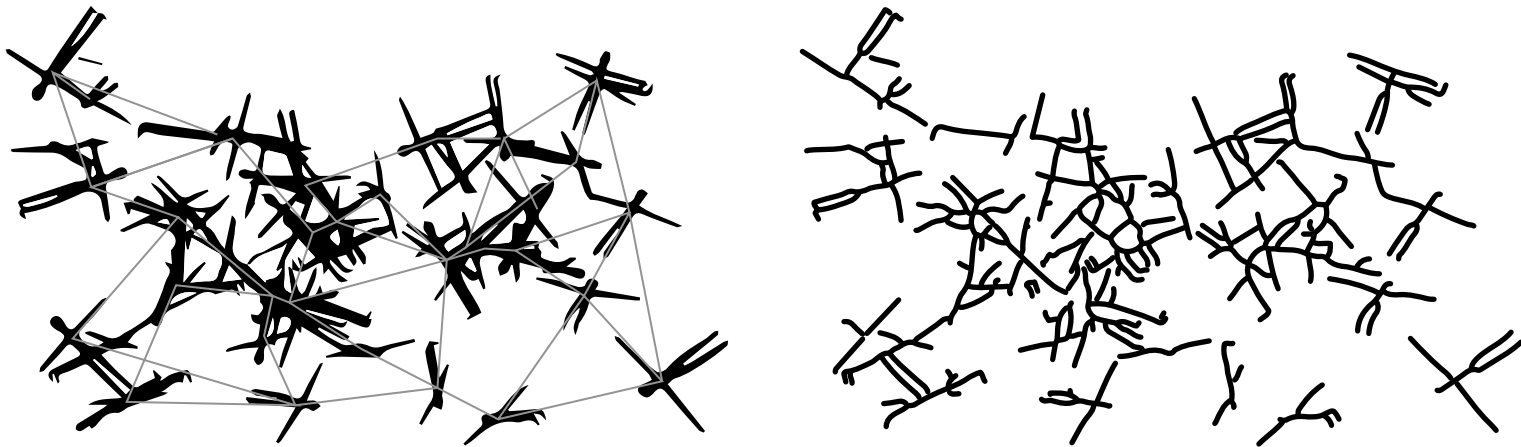
Na tentativa de construir e manter lugares com significados, como já mencionado, há a arquitetura cenográfica, em um extremo, volátil e frágil em sua verdade, e no outro extremo, o conservadorismo da arquitetura histórica, associando a certeza de que a preservação rígida da matéria, garantirá a preservação do lugar, a atmosfera de um tempo passado e sua verdade. Como, então, construir no mundo contemporâneo sem o desapego total das histórias já materializadas e ao mesmo tempo sem viver um tempo ao qual não é o nosso? Uma arquitetura sensível às necessidades objetivas e subjetivas de uma população é a medida para viver o tempo real: o presente. Portanto, a matéria deve ser revista e reconfigurada para sempre estar em sintonia e verdade com a população que vive as experiências no espaço. O conceito de matéria mutável, portanto, é um exercício de estar atento às próprias pessoas. Para isso, atmosfera e a energia do lugar passam a ser novas questões adicionadas às análises dos lugares, para que a percepção e apropriação socioespacial existentes sejam consideradas, e consequentemente as questões subjetivas também estarão presentes. Em suma, a preocupação do caráter peculiar dos edifícios históricos serão valorizados e o contexto das camadas do passado serão justapostos ao presente, inevitavelmente. O presente histórico de Lina Bobardi.⁹ Uma matéria mutável que não se desfaz todos os dias, quando é necessário mudar o cenário, e sim, transformando-se a partir de todas as histórias já vividas até o momento presente.

[...]Mas quando fecho os meus olhos e tento pôr de parte todos estes vestígios físicos e as minhas primeiras associações, resta ainda uma outra impressão, um sentimento mais profundo – é a consciência do decorrer do tempo e uma sensibilidade para a vida humana que se desenrola em lugares e salas, conferindo-lhes um significado especial. Os valores estéticos e práticos da arquitectura tornam-se agora secundários. Neste momento, o seu significado estilístico ou histórico deixou de ter importância. O que conta agora, é apenas este sentimento melancólico que me comove. A arquitectura é confrontada com a sua exposição à vida. Se o seu corpo for suficientemente sensível, pode alcançar uma qualidade que assegura a realidade do passado. ZUMTHOR, 2005

Transcende-se, portanto, a rigidez com que a matéria vinha sendo tratada, pois em si, não é à ela que devemos nos apegar. Mas como não perder o controle, fragmentar ainda mais, se tudo for mutável e sempre reconfigurado?

É exatamente conectando as pessoas para a produção deste espaço (Figura 24), através de uma arquitetura colaborativa e diagramática. Qual é a diferença entre arquitetura colaborativa e arquitetura participativa, neste caso? A diferença entre a arquitetura colaborativa e a arquitetura participativa é que a arquitetura colaborativa não é apenas uma reivindicação de uma arquitetura participativa dos agentes sociais, mas sim da presença de todos os agentes – físicos (naturais), sociais, econômicos, culturais, políticos e psicológicos (individual e coletivo) – como produção ou transformação do espaço, chamado aqui de, social. O que é um espaço social? O espaço social é aquele que cumpre e atende as necessidades subjetivas e objetivas de uma população. Atendendo ambas, os indivíduos que nele habitam, estarão contemplados democraticamente. Pois, a percepção é garantida e é um direito que nos torna iguais como seres humanos a experimentar os espaços.

Figura 24



É significativo ratificar que a materialização das ideias são temporais, na medida que se presencia e se revela o momento presente, o ano de 2018 e todos os passados vividos nas experiências. Ou seja, no instante subsequente, pode ser que todas as análises e interpretações estejam antiquadas, pois novos contextos virão. Entretanto, o exercício de reflexão sobre arquitetura sensível também é atemporal na medida em que é verdadeiro por isso só. Trata-se de ideias não materializadas e verdadeiras por elas mesmas. Então, ele é um desenvolvimento infinito e mutável, uma janela entre o temporal e o atemporal, o interior e o exterior, ambos mutantes, ambos verdadeiros à sua maneira de se perceber.

O que é a Atmosfera do lugar?

Você está sentado em um banco olhando para a paisagem neste momento. O seu olho percorre as linhas da composição visual, sendo seduzido pelos pontos visuais de atração, podendo ser eles uma cor destoante das outras cores, uma textura isolada, um ponto de luz ou sombra...depende do todo. Se houver movimento, sem dúvidas te capturará. O movimento é a ação da vida, e nós, como vida, buscamos a todo e qualquer sinal onde ela possa estar. Simultaneamente ao observar a paisagem, você percebe o barulho de algo ou alguém indo ou vindo, o ritmo do som produzido entre os elementos desta paisagem, e de certa forma, como eles chegam até você. Percebe também o que te toca, o deslizamento do vento no seu rosto, que é sutil, a temperatura do banco ao qual está sentado, e que foi esquentando até equilibrar com a temperatura do seu corpo. Percebe a temperatura do lugar pelo caminho que o ar faz ao afunilar e adentrar seu espaço íntimo. Ele pode ter cheiro de algo ou não. E neste estado de observador, você percebe algo além. Você se atenta um pouco mais ao que isso quer dizer. Por um milésimo de segundo você capta a mensagem. Você sente a mensagem do lugar. Uma energia que conversa com a sua intuição, diz à ela sobre tudo o que se passou por ali até o momento de te encontrar no banco. Você não a questiona, aceita, mas se pergunta se é real... toda essa experiência vivida no lugar aciona memórias dentro de você, de diferentes momentos da sua vida. Por exemplo, a flor na paisagem pode remeter à flor plantada no caminho à escola quando você fazia aos sete anos, ou o cheiro das flores dentro de uma igreja em um casamento do qual você assistiu aos 25. As memórias ativam emoções nostálgicas que você devolve para o lugar através da energia do sentimento e elas passam a se misturar com a energia já existente nele. Agora, portanto, você faz parte da paisagem e ela está dentro de você. Isso é a Atmosfera do Lugar.

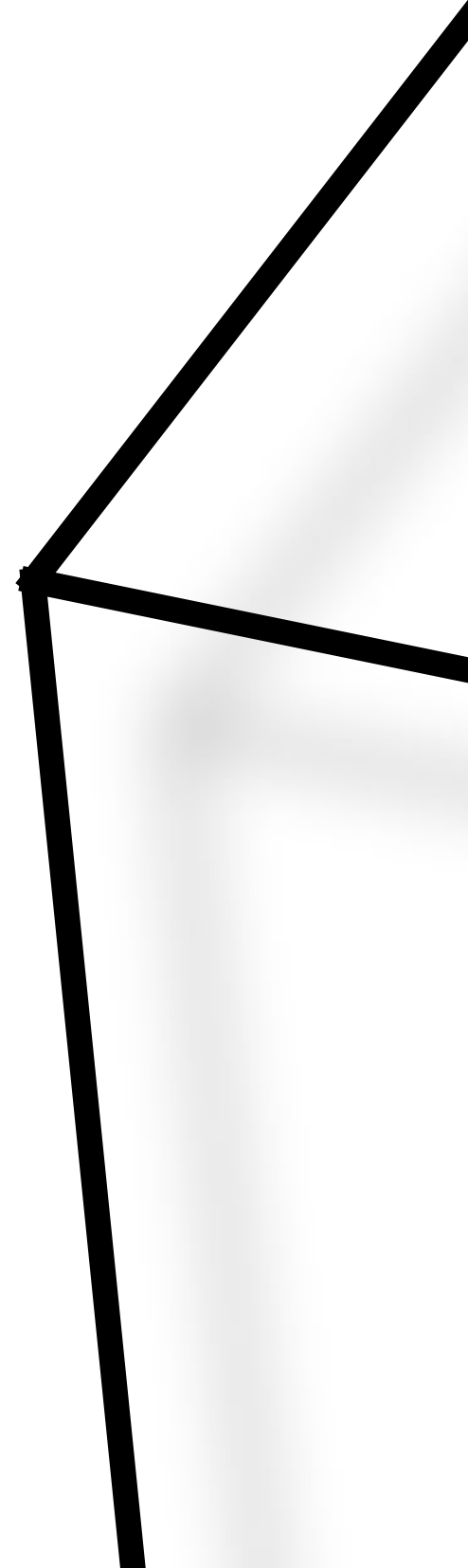


Figura 25



DERIVA FOTOGRÁFICA

Figura 26



O indivíduo contemporâneo é em primeiro lugar um passageiro metropolitano: em permanente movimento, cada vez mais longe, cada vez mais rápido. Esta crescente velocidade determinaria não só o olhar mas sobretudo o modo pelo qual a própria cidade, e todas as outras coisas, se apresentam a nós [...] A velocidade provoca, para aquele que avança num veículo, um achatamento da paisagem. Quanto mais rápido o movimento, menos profundidade as coisas têm, mais chapadas ficam, como se estivessem contra um muro, contra uma tela. A cidade contemporânea corresponderia a este novo olhar.
PEIXOTO, 2014.

Figura 27

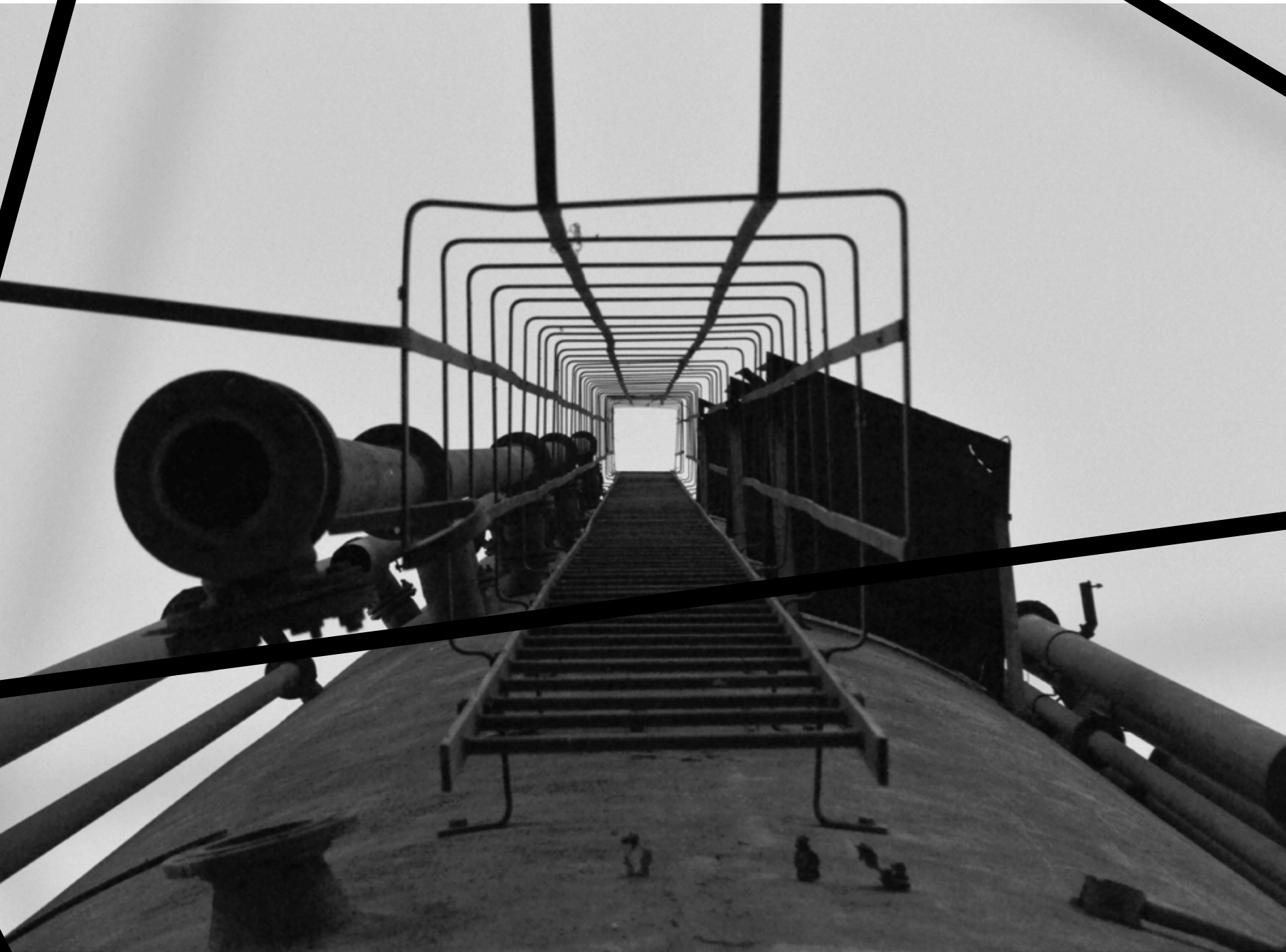



Figura 28a





O arquiteto Peter Zumthor discute bastante o tema em seu livro "Atmosferas: entornos arquitetônicos, as coisas que me rodeiam", de 2009, afirmando que atmosfera é o espaço construído que comunica e toca o observador. Segundo ele, a percepção instintiva é inerente ao ser humano para sobreviver, e a atmosfera se comunica com essa percepção, emocionalmente. Por ela estar intrinsecamente relacionada ao local em que se encontra, a atmosfera torna-se única, e isso também valora a singularidade de um lugar, por mais que existam dois lugares parecidos entre si. A atmosfera pode ser entendida como o caráter peculiar de um lugar. Portanto, em todos os lugares em que você esteve, sua experiência foi única nele.

Outros aspectos abstratos do lugar ajudam a compor e aprofundar o entendimento do que seria a atmosfera. Por exemplo, o *genius loci*, assim chamado pelos romanos, era o nome dado ao "espírito do lugar", o elo que o lugar tem com o sagrado.¹⁰ Além da atmosfera, a energia do lugar é outro tema abstrato inerente à uma característica qualitativa. Ela pode ser uma pista e indício de potenciais do lugar a serem explorados, ou que não podem ser modificados. A captação da energia é observada através da sensação. Uma exemplificação de energia de um lugar é aquele momento em que chegamos no espaço e sentimos uma sensação logo de cara. Sem ter conhecimento do que se passou ali, sentimos a mensagem das camadas de energia que ali foram acumuladas e vividas por outrem. O projeto da Praça da Juventude no lugar da antiga casa de detenção Carandiru é um exemplo: o lugar possui uma energia singular a partir dos acontecimentos vividos no espaço. A materialização do projeto poderia negar totalmente essa atmosfera, ou abraçá-la e a partir disso, deixar em aberto para que uma nova atmosfera floresça. E foi o que aconteceu. Mesmo com uma atmosfera de histórias que não se pode apagar, novas histórias de convivência estão se entrecruzando e possibilitando novas experiências.

Em suma, o lugar com sua identidade peculiar – o caráter, e seu espírito – *genius loci*, fazem parte da atmosfera através das camadas de energia contidas nos contextos existentes até o momento presente da experiência do observador.

10. NORBERG, S.

Transcendência: ser tocado por aquilo que é

A transcendência acontece quando você vê para além daquilo que está olhando propriamente, observando. É a maneira transcendental de remeter ideias e ter um caráter reflexivo a partir das coisas, do um mundo sensível, ou seja, o mundo das sensações. A partir de um primeiro contato com o mundo sensível, sua percepção sobre as coisas ativam ideias e memórias que não estão mais vinculadas com a matéria em si, e sim no mundo das ideias. Mas para que isso ocorra, você precisa ser tocado por aquilo que é, ou seja, pelo verdadeiro. Os objetos e as coisas no mundo material pode manifestar inúmeras e ilimitadas reflexões a partir deles. Entretanto, se um objeto ou a arquitetura, neste caso, é tão claramente manifestada e verdadeira, que permite que a transcendência ocorra, independentemente da interpretação e memória de cada pessoa. Afirmou Tuan (1930): “Um objeto se torna um símbolo quando sua própria natureza é tão clara e tão profundamente manifestada que, embora seja inteiramente ele mesmo, transmite conhecimento de algo maior que está além”.

Por que não somos tocados pela maioria da produção arquitetônica? Porque ela não nos permite transcender. Não sendo verdadeira, ela cria cenários que agradam, mas que são imitações, a chamada “PatternLanguage” de Christopher Alexander, já comentadas na introdução. Platão comenta sobre as limitações das imitações: “A imitação está longe da verdade, e se modela todos os objetos é porque respeita apenas a uma parte de cada um, a qual por seu lado, não passa de uma sombra”. Por isso, considerar a atmosfera como parte integrante do processo projetual possibilita a experiência individual e a ativação de memórias pela transcendência. Mas ao invés de tornar essa experiência algo impositivo, deve-se deixar o que Zhumtor chama de “Pontos em Aberto”, espaços que permitem, onde o usuário possa adentrar com sua imaginação e escolher como perceber as coisas.¹¹

ARQUITETURA DIAGRAMÁTICA

A ideia de se permitir viver experiências na arquitetura é a maneira mais democrática de viver o espaço, pois é inerente a cada indivíduo e ninguém pode impedir tal percepção. A construção do espaço, não apenas fisicamente, deve conter o máximo de percepções das pessoas, gerando uma diversidade entrelaçada através de um trabalho colaborativo e integrado.

A arquitetura é uma continuação do esforço humano para aumentar o conhecimento por meio da criação de um mundo tangível que articula as experiências, tanto as sentidas profundamente como aquelas que podem ser verbalizadas, tanto as individuais como as coletivas. TUAN, 1930

A percepção do arquiteto é uma das percepções que deve compor a construção do espaço. Além disso, ele deve sentir a atmosfera já existente. Sua função não é pôr limites ou quebrá-los. É justamente abrir “janelas”, para as pessoas terem o contato inerente do seu exterior e interior ao mesmo tempo. Isso é arquitetura.

Adicionando-se a isso, o arquiteto pode ser designer de instrumentos de emponderamento de uma população, através do esclarecimento da relação indivíduo x espaço, despertando um autoconhecimento do usuário.

A consciência de que cada um contribui com a formação do lugar e à ele pertence e é pertencido, automaticamente, conecta à ideia de um grupo interligado. O compartilhamento das experiências deste grupo é uma ação poderosa para o levantamento das mudanças a serem feitas e permanências a serem qualificadas. Essa noção de participação é viabilizar através da Arquitetura Diagramática, ou seja, o uso de diagramas para a construção de união de ideias.

Observando o arquiteto Carlos Nelson Ferreira dos Santos em sua atuação no grupo Quadra Arquitetos, Pulhez (2008) afirma que àquele agregando conhecimento para a população, enriquece muito o processo participativo, pois desconstrói uma ideia já concebida. A desconstrução e construção de ideias. De todos os agentes. Cada um trará consigo uma ideia já formulada de acordo com suas percepções, experiências e valores, porém, como o resultado colaborativo é um novo produto e não a soma integral de todas as ideias, a desconstrução, ou seja, o desapego integral de uma ideia tida para si como verdadeira, se faz absolutamente necessária para a compreensão e abertura para o novo, a nova possibilidade. Dessa maneira, o diálogo entre as diferentes partes integrantes será muito mais fluido o diagrama poderá de reinventar a todo instante.

As imagens e as ideias libertada pela mente poucas vezes são originais. As avaliações e os julgamentos tendem a ser chavões. As intimidades efêmeras mediante a experiência direta e a verdadeira qualidade de um lugar comumente passam despercebidas porque a cabeça está cheia de ideias desgastadas. As informações dos sentidos são afastadas para favorecer o que nos foi ensinado a ver e a admirar. A experiência pessoal cede às opiniões socialmente aceitas, que normalmente são os aspectos mais óbvios e públicos de um meio ambiente. TUAN, 1930

Tendo consciência de que você importa na constituição do espaço, e as outras pessoas ao redor, a próxima etapa, que acabamos de desconstruir é a diferença e o distanciamento entre construtores e usuários. E a construção de uma nova ideia nasce junto: todas as pessoas são usuários e todos os usuários são construtores do espaço. Tal fato, faz superar o fardo da dependência social e política, que, muito nos deixa inconscientes, mais do que ativos no processo. Supera também a ideia das diferentes escalas que damos de importância ao pensar em diferentes usuários, afinal, se tudo é considerado na atmosfera do lugar, se o mínimo detalhe de um lugar desperta em alguém alguma percepção, percebemos que tudo e todos têm sua importância e ela é adimensional. Esta é a etapa de empatia e espelho: você se enxerga no outro e vice-versa.

Para conectar todas as informações fornecidas pelos agentes do espaço e os relatos subjetivos das pessoas na velocidade condizente com a volatilidade da tecnologia atual, e, além de tudo, garantir uma flexibilidade e evolução constante do processo, o conceito de diagramas é acolhido e apoiado como mecanismo capaz de se transformar, rompendo com a rigidez dos sistemas já existentes e a frustração das criações antisistêmicas.¹²

Na verdade, o próprio conceito de diagrama traz sua possibilidade de abertura, o fato essencial de que seus significados não estão definidos, e sim em constante transformação. MONTANER, 2017

A ideia de diagrama é um conceito tanto teórico, quanto prático, e pode ser usado em qualquer situação. Usado como representação e registro de ideias (Figura 28), interpretação de informações e possibilidade de ação projetual. Acrescentando-se à isso, os diagramas são uma maneira de partir para a ação e evitar permanecer na nostalgia das memórias no espaço e na arquitetura. Sendo ativo e aberto, possibilita também, a participação da população, que pode contribuir com a sua construção.

Precisamente, os diagramas podem funcionar como intermediários entre as experiências conceituais e as sensoriais (Figura 29); eles podem ser um bom instrumento para a participação e o ativismo. MONTANER, 2017

Tal fato se entrelaça com a ideia da geração makers, em que o indivíduo se vê capaz de realizar qualquer objetivo e desejo de mudança real. O usuário pensa, experimenta e age. Essa dinamicidade vai melhorar a realidade de maneira significativa e promover o desenvolvimento de futuras transformações. Uma matéria mutante.

O arquiteto é capaz de extrair os detalhes e apropriações, bem como as sutilezas do lugar e traduzir o que acontece no espaço (inclusive a atmosfera e energia) através de diagramas. Sua sensibilidade e olhar aguçado possibilitam essa representação e interpretação da coleta de informações no campo in loco. As pessoas também fazer diagramas em várias situações, sem estarem conscientes disso. Por isso, a figura do arquiteto como intermediador e tradutor não apenas do lugar, mas dos desejos e anseios das pessoas.

Um mapa esquemático, rabiscado rapidamente na areia, barro ou neve, é a maneira mais simples e mais clara de revelar a natureza da região. A habilidade cartográfica pressupõe por parte do cartógrafo primitivo o talento de abstrair e simbolizar, assim também um talento comparável da pessoa que observa, pois ela deve conhecer como traduzir pontos e linhas contorcidas em realidades do terreno. TUAN, 1930

Figura 30



Figura 31



1 - **Conversa: Roberto Martins (72 anos) - Figura 31**

Mora na frente da área da Sidelpa há mais de 10 anos. Utiliza o espaço há aproximadamente 3 anos. Segundo Roberto, um salão de festas e um barracão para aluguel seriam propostas interessantes para o local. Ele vê muitos drogados ali.

2 - **Elias Fernando da Silva (25 anos) - "Olheiro" - Figura 32**

Elias estava eufórico e fazia poucas conexões entre as frases ditas. Prestava muita atenção no fluxo das pessoas ao redor. Segundo ele, uma mesa de taco e outra de "ping-pong" seriam sugestões para melhorarias.

3 e 4 - **Grupo de jovens.**

Um grupo de aproximadamente 6 pessoas estava conversando em uma tarde na rua principal. Segundo eles, não há um horário específico para se encontrar no local. Eles sugeriram horta, um palco, mais árvores, lixeiras, banheiro, regras para o uso do som no local (eles moram perto da área).

5 - **Os primos (29 e 30 anos)**

Os dois primos frequentam a Sidelpa a semana toda (moram perto). Usam o espaço para dar rolê à noite e jogar basquete. Sugerem alambrado nas quadras, gol para o futsal, palco, biblioteca, mais árvores, pista de skate e museu.

6 e 7 - **Entrevista João Bosco (70 anos): ex Eng. Químico e Coordenador da Sidelpa.**

João Bosco lembra com detalhes como eram as atividades na fábrica. Muitos de seus relatos ajudaram o projeto. Ele identificou as construções já demolidas (Figura). Ele acredita que o espaço possa abrigar a nova rodoviária e/ou ser uma área de lazer.

8 e 9 - **Entrevista Dimas: advogado responsável pela documentação da venda e compra da Sidelpa no cartório.**

Dimas contou toda a história da troca de proprietários e como os processos foram desgastantes e complicados. Por fim, após a área ter ido à leilão, a prefeitura compra de volta.

10 - **Valdirene e amiga (40 e 47 anos, respectivamente) - Figura 33**

Ambas são mães dos meninos que treinam futebol às terças e quintas-feiras no campão. Sem lugar para sentar, elas sentam na grama e sugerem uma academia para as mães e mulheres enquanto seus filhos treinam. Moram longe.

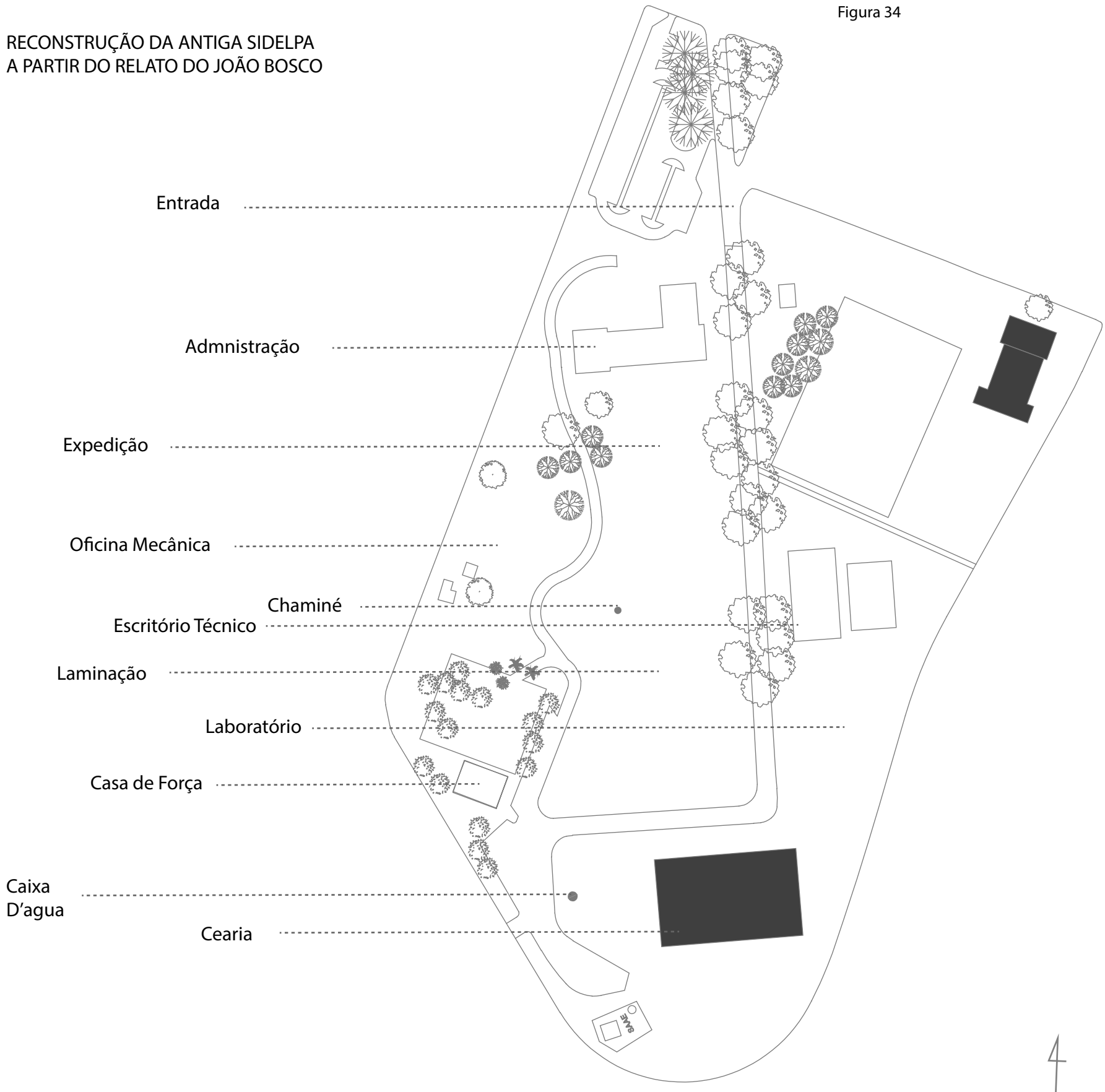
Figura 32

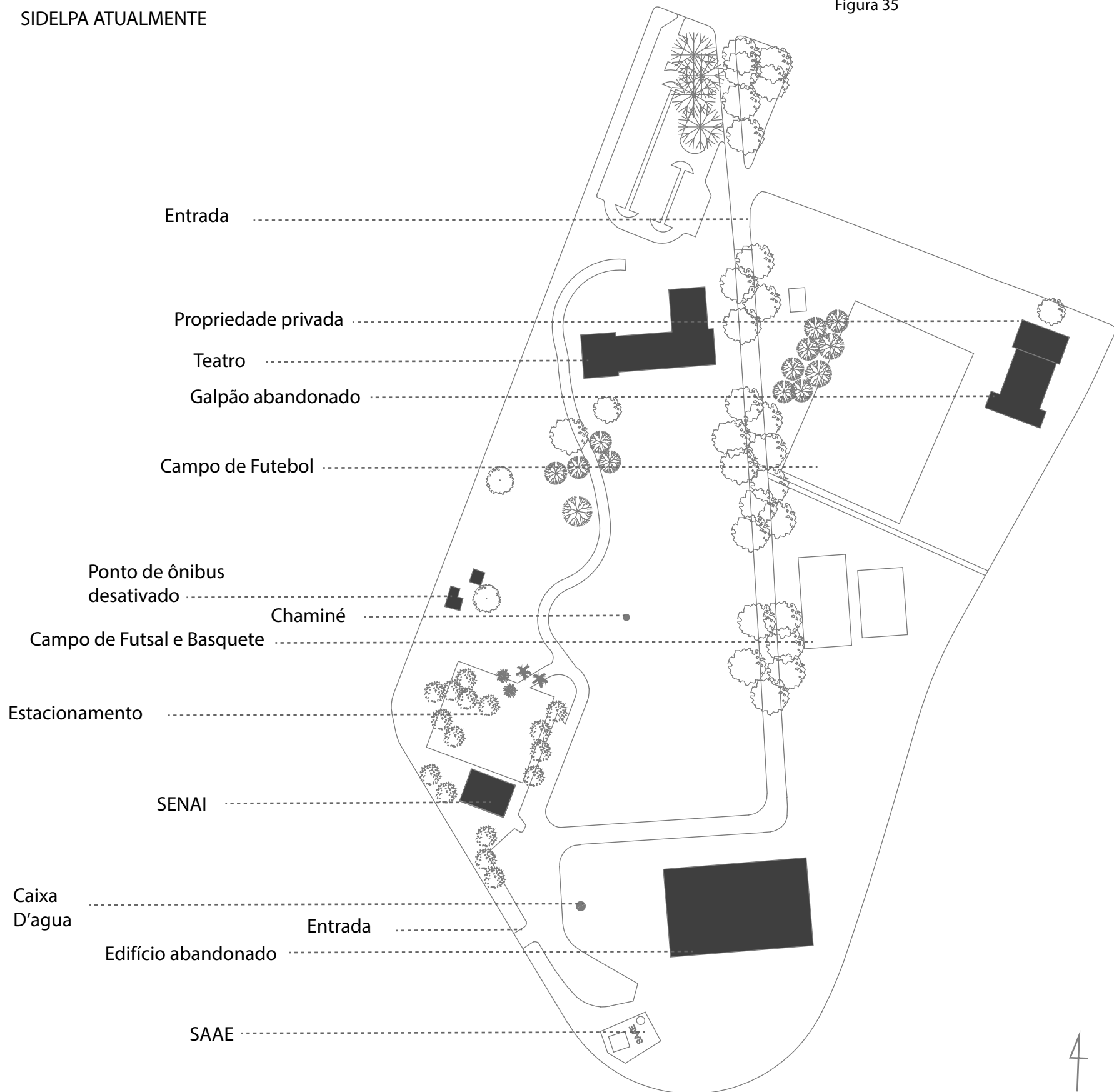


Figura 33



RECONSTRUÇÃO DA ANTIGA SIDELPA
A PARTIR DO RELATO DO JOÃO BOSCO





DESEJOS

“sem incomodar a população”

“Um lugar para os jovens ouvirem músicas altas”

“sem limite de horário”

“Liberdade pra curtir a noite som alto”

“Centro de convivência heterogeneizado”

“Mais atrativos noturnos, usos novos”

“Centro Cultural, com salas de aulas, espaço para exposições, sala de ensaio, restaurantes, salas de pesquisas... tudo ligados as artes”

“Um local que some boa comida, boa música é espaço para dançar ao mesmo tempo”

“Lugares para sair”

“mais zelo com o que já esta construído”

“Lugares agradáveis para passear”

“Sugiro também a construção de um novo prédio administrativo para prefeitura para acabar com os aluguéis”

“Mais lixeiras e bebedouros públicos espalhados pela cidade”

INFORMAÇÃO

“Um espaço enorme, que está jogado às traças e construção perigosa com riscos.”

“mesmo achando bonito de se ver ao longe, como um monumento grandioso e consumido pelo tempo é cheio de marimbondos”

“LOCAL PARA TRAFICO E ESTUPROS”

“é triste por ser um local tão bonito numa localização tão privilegiada, acredito que se apostassem em um jardim vertical seria legal!”

“Ruínas”

“sem nenhum projeto futuro em pauta”

“o espaço em que ela está inserida, está sendo reorganizando com a presença do Teatro Municipal e escola de formação profissional”

“deveria ser revitalizada, construído prédios públicos para diminuir o dinheiro gasto em aluguel.”

“Existe um projeto de área de lazer e cultura para o local”

“Demarcada como area de risco”

“E acredito que poderia ser criado ali um espaço cultural integrado ao teatro.”

“Um prédio adquirido pela prefeitura em troca de dívidas impagáveis.”

“serve como estacionamento no período da facilpa”

SENTIMENTO

“Fico triste”.

“pena”.

“Sinto que não é um local seguro”

“É como se ele fosse um lugar esquecido”

“A estrutura tem sua beleza, mas acaba sendo uma poluição visual, além de remeter ao um desperdício de espaço urbano e material.”

“Acho bonito visualmente, mas sei que é um espaço perdido e que contém seus perigos ali.”

“Dó”

“Tristeza”

“Nostalgia”

“MEDO”

“é triste por ser um local tão bonito numa localização tão privilegiada”

“Poderia ser transformado”

“Vazio”

“É um misto de local muito agradável, e depois do teatro, local de drogados.”

“Se não o frequento não sinto nada.”

“Saudosismo”

“É um dos pontos chave da cidade! Moro fora de Lençóis Paulista e volto aos finais de semana, quando vi a foto acima senti um certo conforto!!! Familiaridade. Por ser um espaço amplo, da uma sensação de liberdade!!”

REFLEXÃO

“Não, não conheço a importância da história do prédio e da forma como está não agrega nada a cidade.”

“Ruínas Importantes?”

“grande potencial”

“faz parte da história de muitas famílias”

“A Casa da Cultura está muito longe.”

“Sim, pois é um espaço muito grande e bonito pra não ser utilizado”

“Este está no coração da cidade.”

“dali, muitos tiraram seu ganha pão”

“Sim, pois está ao lado do teatro que é super movimentado, e na frente da maior feira da cidade.”

“Um desperdício de terras.”

“Acho uma estrutura muito boa, se bem planejado e estudado poderia virar algo diferente e interessante para a cidade.”

“SIM, NAO TEM MAIS AONDE IR NA CIDADE.”

“Uma vez que o desenvolvimento da cidade está apontado para a área da Omi-Zillo conforme plano diretor.”

“Não, atualmente as pessoas vão à noite para conversar e beber.”

OPINIÃO

“O local da antiga SIDELPA poderia muito bem ser usado a fim de abrir caminho para novas ideias, apresentações, projetos que fossem além do já batido circuito teatro/dança que acontece na cidade. A cena musical independente, por exemplo, tanto da cidade quanto da região poderia muito bem fazer uso do local (o que já ocorreu anteriormente, mesmo com o prédio estando no estado em que se encontra agora) com apoio da prefeitura e da diretoria de cultura.”

“Algum tipo de point, onde as pessoas possam circular a vontade, sem tomar geral de polícia, uma espécie de feira também seria interessante, com food-trucks espalhados, um lugar sociável, agradável, com regras mas q possa ser utilizado por todos.”

“Coisas que toda a população de qualquer renda possa utilizar.”

“Em Lençóis se fala muito de Cultura mas não há diversidade.”

“O teatro é bom, mas falta mais outra atividade naquele local.”

“Talvez um lanchódromo, para que as famílias pudessem se reunir, ou os jovens pudessem frequentar de forma saudável.”

“Área de esporte mais ampla, juntando a região do teatro, campo de futebol localizado a frente e a caixa d’água, tendo uma linha de esportes radicais dentro da cidade.”

Muitos são os tipos de diagramas a serem utilizados na representação e na ação projetual. Dentre eles, os usados neste trabalho são: o diagrama Centralizado, o diagrama Descentralizado e o diagrama Distribuído (Figura 36).

Figura 36

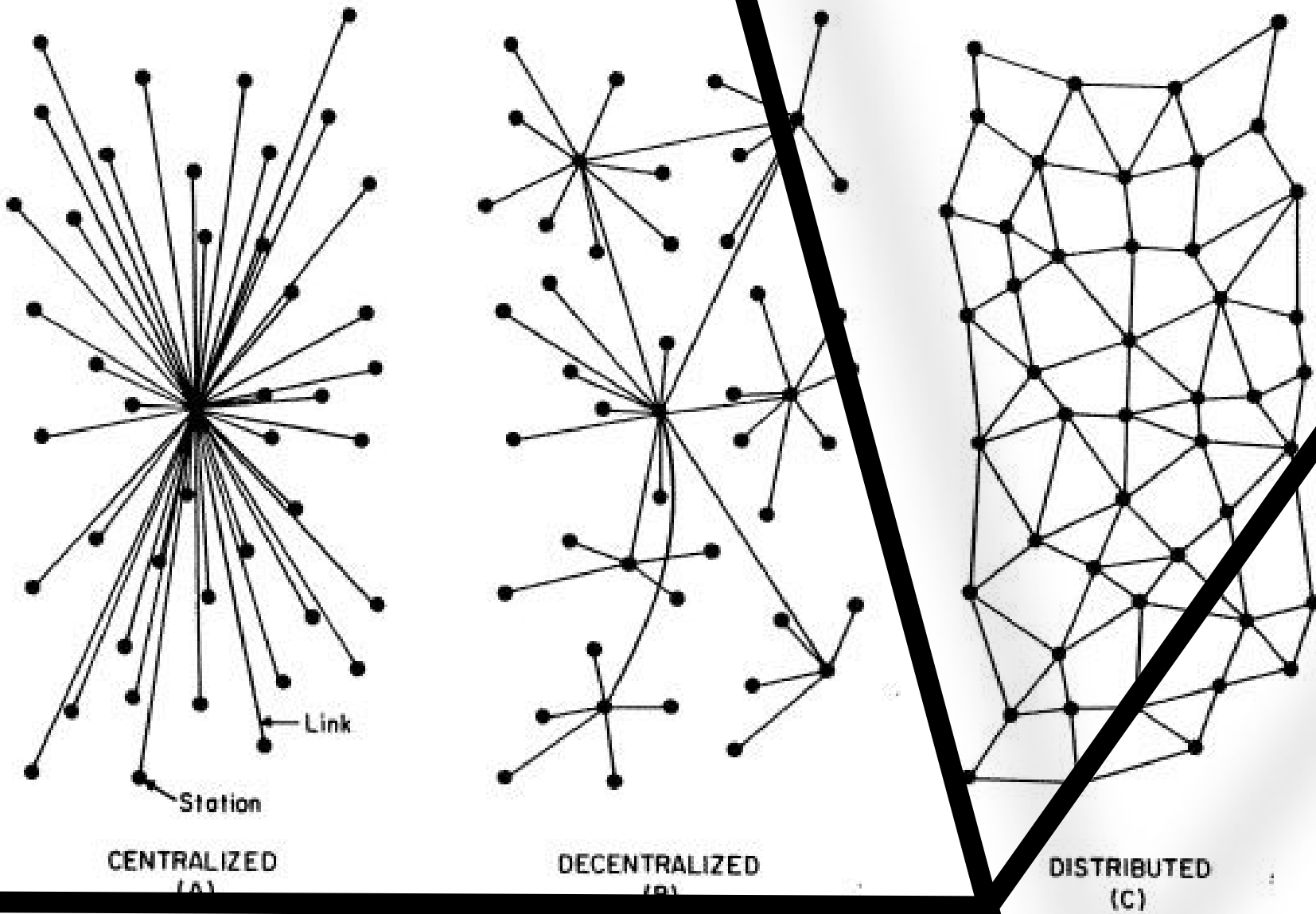


FIG. 1 - Centralized, Decentralized and Distributed Networks

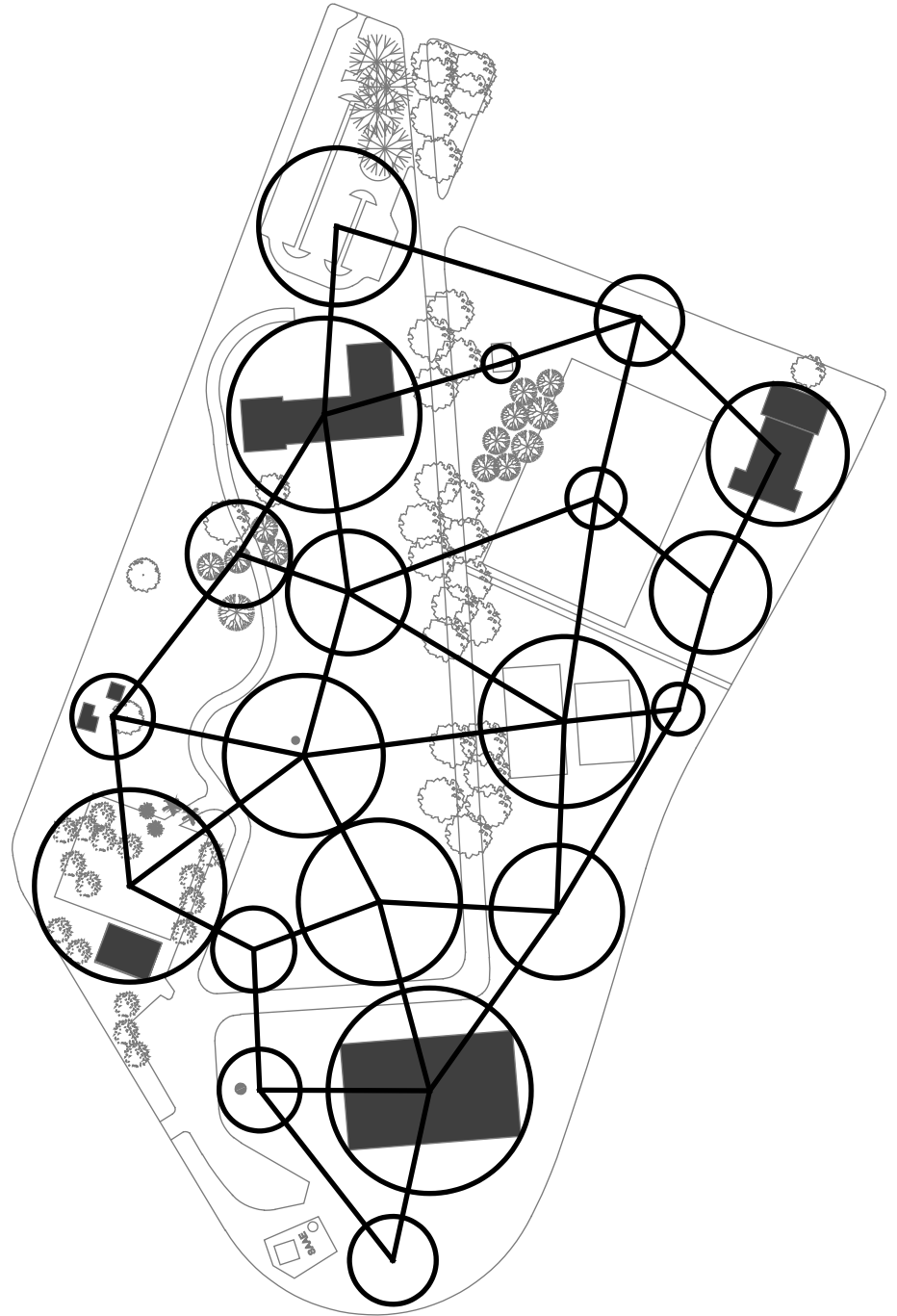
Primeiro Registro – 3 de Junho de 2017

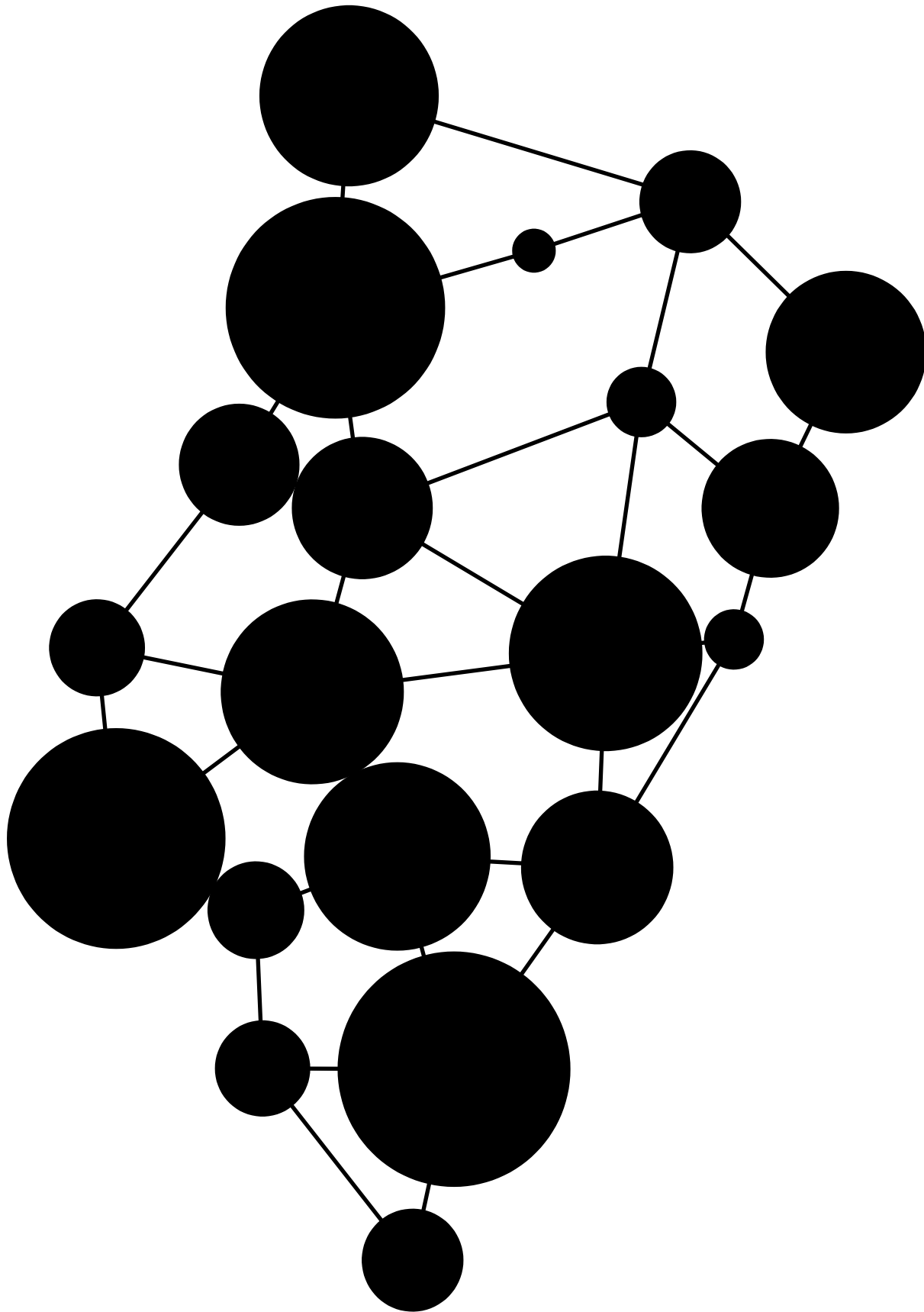
São 16:50 de uma tarde de outono, pouco tempo antes do pôr-do-sol. Estou sentada na sarjeta do prédio do SENAI, com vista frontal para o edifício. Cheguei de carro e estacionei este embicado, embora houvessem placas nas vagas avisando para estacionar de ré. No entorno do edifício há algumas pessoas sentadas nos bancos jogando conversa fora em uma tarde de sábado, curtindo a vida interiorana que ainda mora nas raízes dos hábitos das pessoas. À minha esquerda estão dois rapazes, um de preto, outro de branco, com seus capacetes no banco também. A moto está parada na frente deles. À minha direita, estão sentadas três pessoas: um casal que observa o filho de aproximadamente sete anos andar de bicicleta pela vasta área afastada e vazia. Às vezes ele sai do asfalto e vai andar na calçada, na tentativa de não andar em círculos. Junto ao casal, está uma senhora, provavelmente a avó do menino. A distância onde me localizo, não permite identificar as palavras, só os murmúrios. Toda a área está sombreada, não está frio, mas não está calor. Está agradável. Somente o edifício recebe a luz solar. Está dourado, tem presença e realeza por si só. Ouço barulho de carros e motos passando na avenida ao lado direito, mas o som constante é dos pássaros, ecoando longe, e percebe-se a presença de mais de três espécies no local. Não há vestígios de sujeira e há três sacos de lixo fechados na esquina do edifício. Me pergunto se é assim com frequência, ou escolhi um dia em que o lugar foi varrido. Não sei. O menino entrega a bicicleta para o pai, e vai caminhar. No começo, faz o mesmo trajeto feito com de bicicleta, depois vai para a calçada e observa as folhas das árvores no chão. Nesse tempo observado, passaram cinco carros: três com o intuito de cruzar o local e dois para fazer o retorno. Fiquei pensando se esse retorno era para ver quem estava no local (Footing?). Chega mais um casal de moto. Sentam no banco. A sombra começa a subir e encobrir o construído. Isso fica perceptível pela linha precisa que sobe pela caixa d'água. Há pombas voando da viga Y para ela e vice-versa. Percebi o vazio do edifício, que o torna excêntrico. Você identifica o ritmo, percebe a profundidade. Vê a cidade através. A lua é protagonista do céu agora, é crescente. Mas há um avião de pequeno porte marcando presença pelo ruído do seu motor. Aparecem bem-te-vis destacando-se no asfalto por causa da sua tonalidade amarela. E lá se vai o sol.

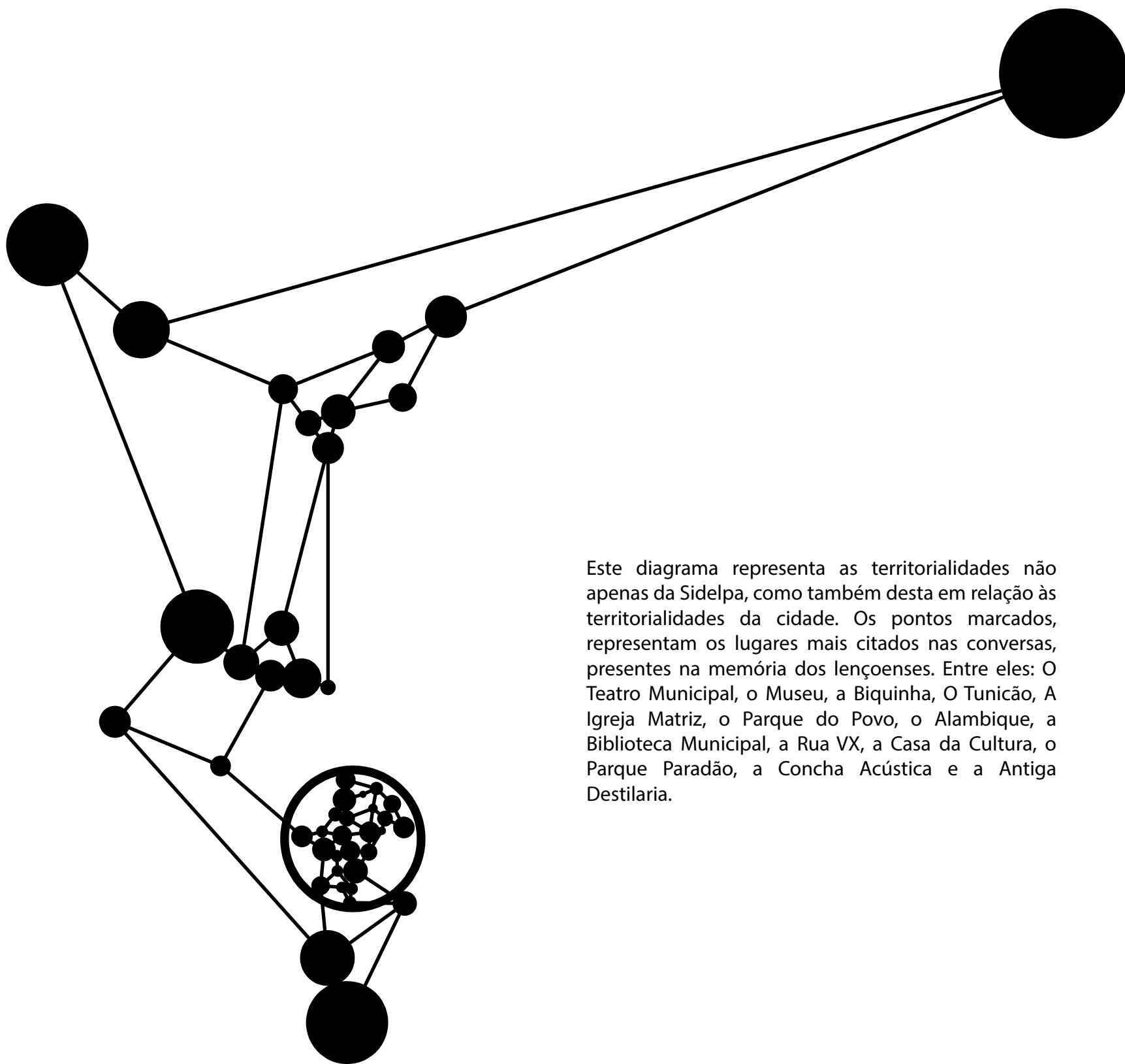
Segundo Registro - 17/08/2017

Eram 14:19h quando decidi entrar no carro e ir até a SIDELPA. Chovia há dois dias inteiros em Lençóis Paulista, e quando o raio de Sol ganhou mais força e o céu gradativamente foi mudando de branco para azul claro, decidi que esta era a hora certa! Estacionei na lateral esquerda do edifício. Assim que sai do carro, um cheiro forte de terra e grama molhada me invadiram da mesma forma que alguém cruza por nós usando um perfume francês. O cheiro não era de terra que ficou fofa e agradecida por estar molhada, mas da grama que estava toda amarela chamando por chuva que há um bom tempo não aparecia nesse inverno. A partir dessa observação, notei o vazio entre o edifício e a chaminé. Como eu não havia prestado atenção no potencial que esse espaço diz? Imaginei que as pessoas poderiam tomar sol, uma arquibancada talvez, possibilitando que pedestres cruzassem da avenida adjacente ao bairro até chegar no edifício. A chaminé ganharia a força que ela já tem. Nesta exata palavra, o sol começa a ficar ardido. Tiro minha jaqueta. É meio de semana, uma quinta-feira, e provavelmente, neste momento está acontecendo aula no prédio do SENAI, pois há carros estacionados no seu entorno. Um caminhão da marca "RISSO Transportes" cruza o terreno sentido teatro – SIDELPA. Um senhor passou andando de bicicleta e um pai e filhos (adultos) pararam um carro próximo à um banco para sentar e conversar. Não consigo ouvir o que dizem, mas consigo escutá-los. Escuto ao fundo o ruído dos carros da avenida, mas o som predominante é dos pássaros, principalmente dos bem-te-vis. A atmosfera é de paz e tranquilidade. Fico me perguntando se é por isso que as pessoas saem de suas casas para vir aqui apenas sentar em um banco e conversar. Olhando agora para o edifício, mais uma vez admiro sua estrutura. Você pode enxergá-lo como um todo, e isso traz a sensação de você ser felizado e grato por poder ter essa experiência. Dois dias passados, sai para caminhar com minha irmã no Parque do Povo à noite. O entorno da SIDELPA estava lotado com carros, pois estava acontecendo apresentação "O TUBINHO", um show humorístico no circo ao lado. Quando voltei à casa de minha irmã (que mora no bairro ao lado do rio), tive a dificuldade de localizar o prédio da SIDELPA. Então conclui: o edifício deve emanar uma luz de dentro para fora à noite, da mesma maneira que emana de dia.

A partir do mapeamento dos usos na Antiga SIDELPA quando ela ainda estava ativada (energias do lugar relativo ao que já aconteceu), do mapeamento do que está construído hoje (territórios) e das atmosferas de possível potencial, foi feito um diagrama cruzante, ajudando a focar nas áreas onde serão feitas as instalações e mudanças projetuais.







Este diagrama representa as territorialidades não apenas da Sidelpa, como também desta em relação às territorialidades da cidade. Os pontos marcados, representam os lugares mais citados nas conversas, presentes na memória dos lençoenses. Entre eles: O Teatro Municipal, o Museu, a Biquinha, O Tunicão, A Igreja Matriz, o Parque do Povo, o Alambique, a Biblioteca Municipal, a Rua VX, a Casa da Cultura, o Parque Paradão, a Concha Acústica e a Antiga Destilaria.

Um novo Olhar para os espaços da cidade: as cidades sensíveis

A partir de todo esse ensaio reflexivo, vale ressaltar que todos os espaços da cidade despertam sensações e sentimentos nas pessoas. Inclusive a arquitetura cenográfica. Porém, o desafio é criar espaços que, sendo verdadeiros, possam refinar a percepção e despertar transcendência nos usuários: "O espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana" (TUAN, 1930). Para que isso ocorra, mas ainda assim não é uma garantia, se faz necessário projetar com "Pontos em Aberto", dessa forma, a apropriação e o significado é que transformarão o espaço materializado em lugar de atmosferas e energias singulares.

O meio ambiente construído, como a linguagem, tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem a arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes. TUAN, 1930

As cidades sensíveis são compostas por arquitetura sensíveis às pessoas, com harmonia entre movimento e pausa. Sendo verdadeira em suas formas, a arquitetura dirá o que ela é e propiciará experiências na vida de todos em uma plataforma horizontal. E nesse vai e vem de experimentar, viver e sentir, o ser humano independente do seu tempo, poderá ser correspondido com o tempo real e psicológico que presencia. Será correspondido.

O caminhar lento surgiu na filosofia e na poesia com a figura do flaneur...Este homem ainda podia se pretender um olhar capaz de captar as coisas como elas eram. O seu olhar era correspondido. PEIXOTO, 2014.

Mutar

Este é um sentimento de mudança no olhar que compartilha-se à quem este trabalho alcançar. "O Retorno", como assim chamado, é a outra percepção do lugar e contexto ao qual, um dia, já tenha sido parte do lugar de sua presença e do contexto do qual você contribuiu e viveu. Analogicamente com o "estrangeiro" de Nelson Peixoto, o personagem tem uma percepção diferente das pessoas que ali vivem e estão imersas nas imagens sobrepostas, sem ver além. Ele consegue ver profundidade e dar sentido ao lugar:

Aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. Todo um programa se delineia aí: livrar a paisagem de representação que se faz dela, retratar sem pensar em nada já visto antes. Contar histórias simples, respeitando os detalhes, deixando as coisas aparecerem como são. PEIXOTO, 2014.

Já o "Retorno", é a situação em que a pessoa que sai da atmosfera habituada a viver e vai presenciar o mundo lá fora. Quando ela retorna à sua casa, com um olhar de estrangeiro também, consegue perceber e ter uma experiência diferente do mesmo lugar, pois a mudança da percepção foi interna. Acredita-se que essa mudança de percepção possa ser causada sem a necessidade de mudança física de espaço. Afinal, a verdadeira viagem está sendo a elaboração deste trabalho. E ele é oferecido à você, leitor, como convite para começar sua viagem e ter seu "Retorno" da onde você estava antes de lê-lo.

Uma das encarnações (?) mais recorrentes do estranho, do recém-chegado, é aquele que retorna. O cinema recente fez daquele que volta para casa o seu personagem principal. Depois de fugir deste mundo em que nada mais tem valor, ele volta para resgatar as figuras e paisagens banalizadas do nosso imaginário, para tirar dele uma identidade e um lugar. PEIXOTO, 2014.

Estrangeiros para nós mesmo.
SOLÀ-MORALES, 1995



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aonde tiver uma área de risco, um medo, é exatamente aí que se encontra o maior potencial de transformação.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Mapa do Estado de São Paulo representando o “mundo desconhecido”. Fonte: Livro “Lençóis conta a sua história: 150 anos” - editado pela autora.
- Figura 2** - Localização do Município de Lençóis Paulista no Estado de São Paulo. Fonte: www.wikipedia.com. Acessado em: 01/2018.
- Figura 3** - Bacia Hidrográfica Tietê/Jacaré e outras. Fonte: livro **Rio lençóis de ponta a ponta: da serra dos agudos ao vale do tietê**, p.1
- Figura 4** - Malha urbana da cidade. Fonte: autora.
- Figura 5** - Figura Fundo da malha urbana da cidade. Fonte: autora.
- Figura 6** - Centralidades da cidade de Lençóis Paulista. Fonte: autora.
- Figura 7** - Traçado do rio, da ferrovia e rodovias na cidade de Lençóis Paulista. Fonte: autora.
- Figura 8** - Traçado do rio da cidade de Lençóis Paulista. Fonte: autora.
- Figura 9** - Ilustração sobre a dominação e guerra dos brancos sobre os índios nas terras lençoenses. Fonte: Livro “Uma vila no sertão: lençóis século XIX”.
- Figura 10** - Rio Lençóis. Fonte: Acervo Cultural Cidade do Livro. Consultado em fev/2017.
- Figura 11** - Ilustração da chegada da Ferrovia Sorocabana Railway em Lençóis Paulista. Fonte: Livro: “Lençóis Paulista, Boca do Sertão.”
- Figura 12** - Malha urbana da cidade em 1960. Fonte: autora.
- Figura 13** - Linha histórica da cidade em cima do traçado do rio. Fonte: autora.
- Figura 14** - Àrea da Antiga SIDELPA. Fonte: Google Earth, editado pela autora.
- Figura 15** - Malha urbana da cidade com a localização da área estudada. Fonte: autora.
- Figura 16** - Fotografia do edifício abandonado na Sidelpa. Fonte: autora.
- Figura 17** - Antigos funcionários da fábrica em 1974, com o detalhe para a presença de uma única mulher. Fonte: Acervo do Espaço Cultural Municipal.
- Figura 17a** - Festa de inauguração da Siderúrgica. Fonte: Acervo do Espaço Cultural Municipal
- Figura 18** - Chaminé desativada, utilizada para derreter linguotes. Fonte: autora.
- Figura 19** - Fotografia que revela a presença e importância da SIDELPA na paisagem urbana. Fonte: autora.
- Figura 20** - Construção do lago artificial Lago da Prata. Fonte: livro Rio lençóis de ponta a ponta: da serra dos agudos ao vale do tietê.
- Figura 21** - Construção do lago artificial Lago da Prata. Fonte: livro Rio lençóis de ponta a ponta: da serra dos agudos ao vale do tietê.
- Figura 22** - Vista da implantação da área da Sidelpa em 1972. Fonte: Acervo do Espaço Cultural Municipal.
- Figura 23** - Fotografia da antiga Cearia da Sidelpa como um Terrain Vague. Fonte: autora.
- Figura 24** - Diagramas de pessoas conectadas que representam o traçado da cidade. Fonte: www.pinterest.com . Acessado em: 01/2018
- Figura 25** - Deriva Fotográfica do lugar. Fonte: autora.
- Figura 26** - Deriva Fotográfica do lugar. Fonte: autora.
- Figura 27** - Deriva Fotográfica do lugar. Fonte: autora.
- Figura 28** - Deriva Fotográfica do lugar. Fonte: autora.
- Figura 28a** - Deriva Fotográfica do lugar. Fonte: autora.
- Figura 29** - Diagrama das sugestões e memórias das pessoas em relação à Sidelpa. Fonte: autora.
- Figura 30** - Diagrama do Espectro do som das entrevistas e conversas. Fonte: autora.
- Figura 31** - Fotografia do Sr. Roberto. Fonte: autora.
- Figura 32** - Fotografia do Olheiro. Fonte: autora.
- Figura 33** - Fotografia das mães entrevistadas. Fonte: autora.
- Figura 34** - Mapa feito a partir das informações de um ex-funcionário. Fonte: autora.
- Figura 35** - Mapa com a localização dos edifícios atuais na Sidelpa. Fonte: autora.
- Figura 36** - Tipos de diagramas a serem usados na ação projetual, exemplo. Fonte: www.pinterest.com.br. Acessado em: 11/2017
- Figura 37** - Diagrama para as próximas etapas projetuais. Fonte: autora.
- Figura 38** - Diagrama da prosposta de projeto. Fonte: autora.
- Figura 39** - Diagrama da leitura das territorialidades da cidade de Lençóis Paulista. Fonte: autora.
- Figura 40** - Fotografia da autora na Sidelpa. Fonte: autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOLÀ-MORALES, I. **Terrain vague**. ed.(?) Gustavo Gili, SL editora, Barcelona, Espanha. 1995. 257 p

MONTANER, J.M. **Sistemas arquitectónicos contemporaneos**. Ed (?)Barcelona: Gustavo Gili, SL editora, Espanha. 2008. 224 p

MONTANER, J.M. **Do diagrama às experiências: rumo a uma arquitetura de ação**. Tradução: Maria Luisa Abreu de Lima Paz. 1 ed. Barcelona: Gustavo Gili, SL editora, Espanha. 2017. 192 p

DEBORD, G. **Teoria da deriva**. 1958

ZUMTHOR, P. **Atmosferas: entornos arquitetônicos, as coisas que me rodeiam**. 1 ed., tradução: Astrid Grabow. Barcelona: Gustavo Gili, SL editora, Espanha. 2006. 73 p

ZUMTHOR, P. **Pensar a arquitetura**. São Paulo: Gustavo Gili, Ltda editora. 2005. 66 p

BIERRENBACH, A. C. S. **Lina Bo Bardi: tempo, história e restauro**. Revista CPC, São Paulo, n. 3, p. 6-32, nov. 2006/abr. 2007. Disponível em: <http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/conteudo_revista_arti_arquivo_pdf/n3_ana.pdf>. Acessado em: 04 ago. 2017. Paulo Freire, que em seu livro “A Pedagogia do Oprimido” de 2005

NORBERG, S.

ANDERSON, C. **Makers: a nova revolução industrial**. Rio de Janeiro: Elsevier editora. 2012, 290 p

PLATÃO. **República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisieri. Livro 10

CHITTO, A. **Lençóis paulista: boca do sertão**. Edição especial do Jornal “O Eco”. Composto e Impresso nas Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, Brasil. 1980, 176 p

CHITTO, A. **Lençóis paulista: ontem e hoje**. Lençóis Paulista. 1972, 163 p.

AGUIAR, S. **Rio lençóis de ponta a ponta: da serra dos agudos ao vale do tietê**. São Paulo: Páginas & Letras Editora e gráficas. 2014, 144p

FERNANDES, E. **Uma vila no sertão: lençóis século XIX**. 1 ed. São Paulo: Idea Editora. 2011, pag

FERNANDES, E; GUIRADO, C. **Lençóis paulista conta a sua história: 150 anos**. 1 ed. Bauru: Power Graph editora. 2008, 210 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia Oliveira. Editora Eduel: Editora de Universidade Estadual de Londrina. 1930, 248 p.

OBRIGADA

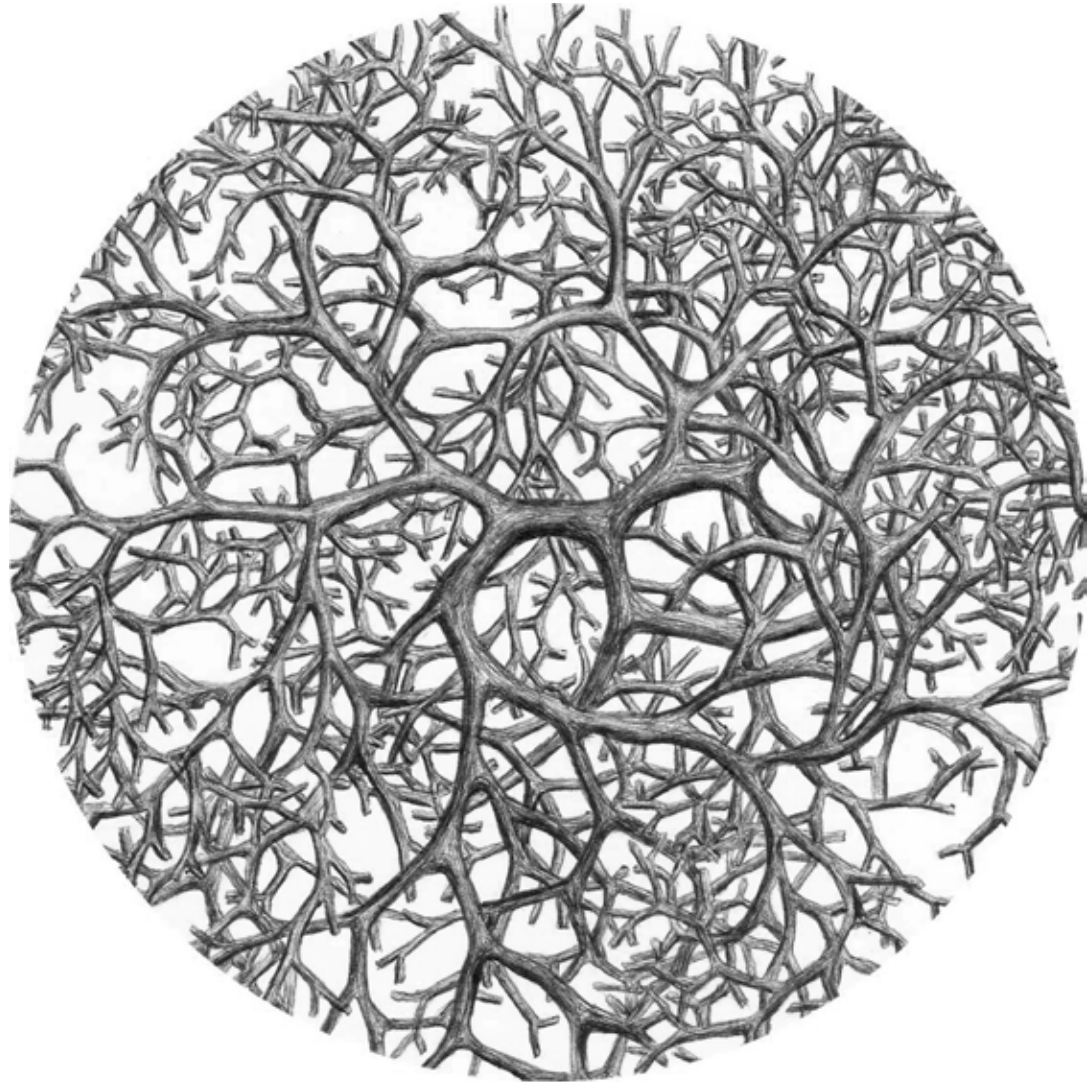


Imagem: Associação
Artística Vimaranesse